

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/ UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM
DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO**

PAULA MARIA PANKIW

**DORMIR COMPARTILHADO: PRÁTICAS E SABERES INTERGERACIONAIS DE
UMA FAMÍLIA CAMPONESA**

**IRATI - PR
2020**

PAULA MARIA PANKIW

**DORMIR COMPARTILHADO: PRÁTICAS E SABERES INTERGERACIONAIS DE
UMA FAMÍLIA CAMPONESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, como requisito para obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: Desenvolvimento Comunitário. Linha de Pesquisa: Cultura, práticas sociais, formação humana e desenvolvimento comunitário.

Orientador: Prof^o. Dr. Ancelmo Schörner
Co-orientadora: Prof^a Dr^a Cristina Ide Fujinaga

**IRATI - PR
2020**

Catálogo na Publicação
Rede de Bibliotecas da Unicentro

M547c Pankiw, Paula Maria
Dormir compartilhado: práticas e saberes intergeracionais de uma família camponesa / Paula Maria Pankiw. -- Irati, 2020.
x, 82 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário. Área de concentração: Desenvolvimento Comunitário. Linha de Pesquisa: Cultura, práticas sociais, formação humana e desenvolvimento comunitário, 2020.

Orientador: Ancelmo Schörner
Coorientadora: Cristina Ide Fujinaga
Banca examinadora: Ancelmo Schörner, Emerson Luis Velozo, Danuta Estrufika Cantoia Luiz

Bibliografia

1. Desenvolvimento comunitário. 2. Família. 3. Cultura. 4. Aleitamento materno. 5. Dormir. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário.

| CDD 614



Universidade Estadual do Centro-Oeste

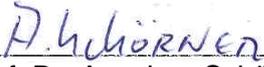
Reconhecida pelo Decreto Estadual nº 3.444/97
CNPJ 77.902.914/0001-72

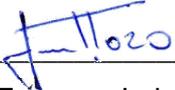
TERMO DE APROVAÇÃO

PAULA MARIA PANKIW

O DORMIR COMPARTILHADO: PRÁTICAS E SABERES INTERGERACIONAIS DE UMA FAMÍLIA CAMPONESA

Dissertação aprovada em 24/08/2020 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, área de concentração Desenvolvimento Comunitário, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte banca examinadora:


Orientador: Prof. Dr. Ancelmo Schörner
Instituição: UNICENTRO


Prof. Dr. Emerson Luis Velozo
Instituição: UNICENTRO


Prof^a. Dr^a Danuta Estrufika Cantoia Luiz
Instituição: UEPG

www.unicentro.br

Campus Santa Cruz: Rua Padre Salvador, 875 – Fone: (42) 3621-1000 – FAX: (42) 3621-1090 – CEP 85.015-430 – GUARAPUAVA – PR
Campus Cedeteg: Alameda Élio Antonio Dalla Vecchia, 838 – Fone/FAX: (42) 3629-8100 – CEP 85.040-167 – GUARAPUAVA – PR
Campus de Irati: Rua Professora Maria Roza Zanon de Almeida s/n – Fone: (42) 3421-3000 – FAX: (42) 3421-3067 – CEP 84.500-000 – IRATI – PR

DEDICATÓRIA

“Dedico este trabalho aos meus pais João e Geni, meus incentivadores de vida”

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por sempre me iluminar e ser o meu refúgio nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais e minha avó, Ana, que sempre me incentivaram e motivaram a não desistir, ensinando-me os valores que preciso seguir, principalmente, humanos e generosos. Amo vocês!

Ao meu irmão, João Vitor, assim como todos os meus familiares pelo apoio e incentivo.

Ao meu orientador, Professor Ancelmo, que me acolheu e me fez enxergar, além daquilo que eu estava acostumada a ver, muito obrigada pela paciência e pelos conhecimentos transmitidos.

À querida Professora Cristina, co-orientadora, muito obrigada mais uma vez pelos ensinamentos, assim como às meninas do nosso grupo de pesquisa, em especial, a minha companheira de mestrado e, agora amiga, Jaqueline.

À família “Flores”, muito obrigada por compartilharem suas vivências e história. Muito obrigada, aos meus afilhados, por me fazerem conhecer essa família querida.

Aos amigos que me apoiaram e incentivaram e, de certa maneira, acreditaram que eu iria conseguir. Obrigada.

Aos professores que contribuíram com minha formação profissional e pessoal.

PANKIW, P.M. Dormir compartilhado: práticas e saberes intergeracionais de uma família camponesa. 82 p. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário). Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, 2020.

RESUMO

O dormir compartilhado é uma prática onde pais e bebê compartilham o mesmo quarto ou a mesma cama. Essa modalidade de sono vem sendo discutida, nos últimos anos por alguns estudiosos, porém não há um consenso quanto à adesão ou não dessa prática que, na área da saúde, é criticada. Todavia, nos dias atuais, algumas recomendações apontam o dormir compartilhado como fator de proteção à síndrome da morte súbita. Além de que essa modalidade de sono está relacionada a aspectos culturais e, sobretudo, familiares. As famílias, em especial, àquelas que residem no campo, possuem um modo de vida singular que está imbricado em seus próprios conhecimentos e costumes. Este estudo teve como objetivo compreender como a prática do dormir compartilhado acontece em uma família camponesa, por meio de seus saberes intergeracionais. Foi realizado um estudo descritivo e qualitativo, sete integrantes dessa família foram convidados a relatar suas vivências, por meio de história oral, posteriormente, suas falas foram analisadas. As narrativas demonstram que a família “flores” tem uma história rica e cheia de peculiaridades, alguns de seus membros ainda vivem da agricultura, mas, há uma reorganização e zelo pela educação, uma vez que muitos dos netos saíram do interior e buscaram por outras profissões. A prática do dormir compartilhado que acontece na família, iniciou-se com a matriarca, há mais de sessenta anos e, ainda, acontece de maneiras variadas, sendo justificada pela facilidade em aleitar, conforto e proteção do lactante, além de ser uma prática ressignificada entre as gerações, pois vem se modificando. Sendo assim, as narrativas nos fazem refletir que a cultura e heranças familiares são um modo de fazer/viver que devem ser respeitados, pois o dormir compartilhado é um prática comum dessa família, assim como outras práticas que são vivenciadas e transformadas ao longo dos anos.

Palavras-chave: Família; cultura; aleitamento materno; dormir.

PANKIW, P.M. Shared sleeping: an intergenerational practice and knowledge of a rural Family. 82 p. Dissertation (Interdisciplinary Master in Community Development). State University of the Western Center, Irati, 2020.

ABSTRACT

Shared sleeping is a sleeping modality which the parents and the baby share the same bedroom or the same bed, this sleeping modality has been discussed in recent years by some scholars, however, there is no agreement on whether or not to adhere to this practice, which is criticized in the health sphere. However, nowadays there are some recommendations pointing that shared sleeping can be a protection factor against sudden death. In addition, this sleep modality that it is related to cultural and mainly family aspects. Families, especially those who live in the countryside, have a unique way of living that is intertwined with their own knowledge and traditions. Therefore, this study aimed to understand how the practice of shared sleeping happens in a rural family, through their intergenerational knowledge. A descriptive and qualitative study was carried, in which seven members of the family were invited to report on their experiences through oral history, afterwards their narratives were analyzed. The narratives show that the "Flores" family have a rich history, that is full of peculiarities, and some of the members still live on farming, but there is a reorganization and effort for education where many of the grandchildren have left the countryside and have sought for others professions. The practice of shared sleeping happens in the family, it started with their matriarch over sixty years ago and still happens in this family in different ways, being justified by the ease of breastfeeding, comfort and protection of the nursing mother, in addition, it is a practice that is reframed among generations, as it has been modified. Thus, the narratives make us reflect that culture and family heritage are a way of doing/living that must be respected, and shared sleeping is a common practice of the family, as well as other practices that are experienced and transformed over the years.

Key-words: Family; culture; breastfeeding; sleeping.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. Interpretações das narrativas das participantes em relação à criação dos filhos.....	51
QUADRO 2. Interpretação das narrativas dos participantes com relação à educação.....	55
QUADRO 3. Interpretação das narrativas dos participantes com relação ao dormir compartilhado.....	62
QUADRO 4. Interpretação das narrativas dos participantes com relação ao aleitamento materno.....	66

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
1. INTRODUÇÃO.....	12
1. 1 Capítulo 1. Dormir compartilhado: construção social, histórica e familiar.....	14
1.2 A vivência de uma família camponesa.....	25
2. Capítulo 2. Conhecendo a família “Flores”, sua comunidade e suas práticas.....	34
2.1 Trajetória dos familiares.....	41
2.2 A criação dos filhos.....	47
2.3 A importância da Educação.....	52
3. Capítulo 3. Dormir compartilhado como hábito familiar e facilitador do aleitamento materno.....	58
3.1 Aleitamento materno como prática comum na Família “Flores”.....	63
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70
6. APÊNDICE A.....	79
6.1 APÊNDICE B.....	80

APRESENTAÇÃO

Iniciei minha graduação, em Fonoaudiologia, em 2012. Ao final, desse mesmo ano, ingressei no grupo de pesquisa “Infância, família e comunidade”. No grupo, fiz duas iniciações científicas, coordenadas pela querida professora Cristina, referente ao assunto “dormir compartilhado”.

Venho de uma formação na área da saúde, sendo essa uma das áreas mais disciplinar que vê o conhecimento de uma maneira linear. Meu primeiro desafio aconteceu, no TCC, sobre o dormir compartilhado com fumicultores, foi de olhar para pessoas e para a saúde delas, de um jeito mais ampliado, essa abordagem foi desafiadora para mim e ainda é. Na área da saúde, o dormir compartilhado é uma modalidade de sono, visto de um ponto de vista mais biológico, minha tentativa foi de compreender esse fenômeno de um ponto de vista mais amplo.

Na lógica médica, tal modalidade é inadequada. Atualmente, algumas organizações de saúde internacionais estão mudando o olhar, porque o dormir envolve uma questão social, econômica e cultural, mas, só agora, estão observando isso, somente fora do Brasil, porque em nosso país as pesquisas acerca da temática são escassas. Por isso, fui em busca de estudar esse tema com os camponeses que têm um conhecimento próprio, estudando a minha comunidade, que é Irati, especialmente os camponeses, para ver como eles compreendem, e, se realizam essa prática.

Escolhi uma família que reside no interior do município de Irati. Por ter uma proximidade com a respectiva família, sou madrinha de Guilherme e Julia que praticavam o dormir compartilhado, e são bisnetos da matriarca dessa família, assim, já conhecia alguns de seus membros e, de certa maneira, seria mais fácil o contato e conversa no tocante ao dormir compartilhado.

Assim, no mestrado, após saber que o professor Ancelmo seria meu orientador, optamos por estudar, mais a fundo, como a prática do dormir compartilhado acontece nessa família camponesa, resgatando os saberes intergeracionais dos participantes.

A dissertação está dividida em uma breve introdução com objetivos e metodologia, seguida de três capítulos, iniciando com: o dormir compartilhado - construção social, histórica; o segundo capítulo intitulado: conhecendo a família

“Flores¹”, sua comunidade e suas práticas e o terceiro capítulo: dormir compartilhado como hábito familiar e facilitador do aleitamento materno e, para finalizar, as considerações finais.

Este trabalho me fez refletir o quanto é importante escutar as pessoas e valorizar os seus conhecimentos, não somente o conhecimento que se tem em livros ou dentro da universidade, mas toda a realidade que acontece fora, e, como vivenciei com essa família, a comunidade tem muitos saberes que precisam ser explorados e conhecidos, no caso, aqui, o da prática do dormir compartilhado.

¹Nome fictício dado à família, assim como o nome de cada participante será um nome de flor, para preservar suas identidades, as falas desses familiares serão transcritas na íntegra sem correção da ortografia, valorizando assim as suas particularidades e a riqueza de suas narrativas. Foi optado por nomear esses participantes com nomes fictícios devido ao sigilo que o Comep recomenda dessa maneira esses nomes ficaram entre “.....” para preservar a história desses participantes.

1. INTRODUÇÃO

O dormir compartilhado é uma modalidade de sono no qual pais e bebê compartilham o mesmo quarto ou a mesma cama. Nos últimos anos, essa prática vem sendo discutida por alguns estudiosos, com especial ênfase na área da saúde. Não há um consenso entre os profissionais sobre a adoção ou não da prática, uma vez que, para alguns há riscos e, para outros benefícios, que essa modalidade pode acarretar.

Essa modalidade de sono é fortemente influenciada pela cultura, costumes, condições econômicas e sociais. A família também possui papel fundamental na adesão de tal prática. As famílias, principalmente as que residem no campo, possuem seus modos de vida, suas práticas e valores, que devem ser respeitados e acolhidos por todos e pelos profissionais de saúde, sobretudo. Quanto às recomendações sobre o dormir compartilhado, o saber científico e a medicina sempre influenciaram as condutas maternas, frente ao modo de dormir e o aleitamento materno. Esses conhecimentos, por muito tempo, foram disseminados como único a serem seguidos, porém compreendemos que o saber científico e tradicional estão relacionados e, ambos devem ser considerados.

Uma vez que, tanto o dormir compartilhado quanto a amamentação são práticas que estão entrelaçadas entre hábitos, tradição e cultura de determinadas comunidades/famílias, nesta dissertação, o objetivo foi compreender como a prática do dormir compartilhado aconteceu em uma família residente no interior do município de Irati/PR.

Para isso, foi realizado um estudo descritivo, de delineamento qualitativo, que, segundo Minayo (2002, p. 21), esse tipo de pesquisa “trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. Tal escolha foi realizada para um maior aprofundamento quanto às práticas do dormir compartilhado, relacionado à cultura e às tradições familiares.

A família “Flores” que reside nos arredores do distrito de Guamirim, na zona rural do município de Irati/PR, foi convidada a participar desta pesquisa, porque, alguns membros, já realizavam o dormir compartilhado. Ela é composta pela matriarca, 6 filhos, 16 netos e 15 bisnetos. Neste estudo, optamos realizá-lo com a matriarca e seus filhos e uma nora. Foram realizadas 7 entrevistas, entre os meses

de abril e maio de 2019, cada uma delas foi realizada com um familiar, separadamente, e, em sua casa.

Para obtenção das falas desses familiares, a técnica de história oral foi escolhida, sendo que a partir dela “se descobre um processo de socialização de uma visão do passado, presente e futuro que as camadas populares desenvolvem de forma consciente/inconsciente” (MONTENEGRO, 1992, p.40). “A história oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber” (DELGADO, 2003).

Para auxiliar, na condução dos relatos orais, foi utilizado um roteiro de questões (Apêndice A), como forma de norteamento para as conversas. Com relação às entrevistas, alguns dos familiares, que já tinham um vínculo com a pesquisadora, relataram mais referente às vivências, e, de certa maneira, estavam mais à vontade, já os demais, que não tinham esse mesmo vínculo, falaram menos, respondendo mais pontualmente as questões do roteiro. Então, observamos que ter uma aproximação maior com os entrevistados facilitou algumas entrevistas.

As narrativas do estudo foram compreendidas pela Análise de Narrativas, proposta por NUNES et al (2017, p.17).

Análise da Narrativa é um método que permite a interpretação dos fatos narrados e dos fatores que os informantes julgam importantes sobre o tema em que são questionados. O estudo qualitativo por meio de narrativas permite ir além da transmissão de informações, pois consegue capturar as tensões do entrevistado, fazendo com que a experiência do indivíduo seja revelada.

As narrativas foram analisadas de forma gradual, com construção de categorias, uma vez que a leitura que temos do tema estudado nos leva à criação prévia de algumas categorias, mas, com o material obtido por meio das narrativas, pode-se construir novas categorias, ou seja, devemos retirar do nosso material o que de fato eles significam, não sendo interpretados com teorias preexistentes (MUYLEAERT, et al, 2014).

Os relatos orais foram gravados, mediante aprovação dos participantes, e, posteriormente transcritos, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COMEP-UNICENTRO), número do parecer 3.243.567, 2019.

Agora, iniciaremos nossa discussão do que é o dormir compartilhado e como essa prática vem acontecendo com os passar dos anos.

1.1 CAPÍTULO 1. DORMIR COMPARTILHADO: CONSTRUÇÃO SOCIAL, HISTÓRICA E FAMILIAR

O dormir compartilhado é um conceito complexo, na área da saúde, o mais comum é que o dormir compartilhado é uma modalidade de sono onde pais e bebê compartilham o mesmo quarto ou a mesma cama. Nos últimos anos, essa prática vem sendo discutida por alguns estudiosos, não se há um consenso entre os profissionais de saúde quanto à adoção ou não, pois, para alguns, há riscos² e para outros benefícios³ que essa modalidade pode acarretar.

A prática pode acontecer com o bebê, na mesma cama dos pais, ou no mesmo quarto com o berço/caminha ao lado da cama dos pais, segundo a UNICEF (2005), o dormir compartilhado deve acontecer com algumas recomendações como: não fumar ou fazer uso de drogas ou álcool, não dormir com o bebê em um sofá, o ideal é compartilhar o mesmo quarto, mas não a mesma cama, o que seria mais seguro para o bebê, promovendo a amamentação e diminuindo o risco de morte súbita.

A prática do dormir compartilhado é um fenômeno complexo e, para ilustrar isso, vou utilizar de Ball (2017, p.2) que descreve:

Uma parábola indiana fala de um grupo de cegos que foram levados para encontrar um elefante. Para avaliar seu tamanho e forma, cada cego sentiu a parte mais próxima do animal. Um tocou o tronco declarou que se assemelhava a uma cobra, um sentindo uma perna que se assemelhava a uma árvore, um ao seu lado percebia um elefante como uma parede, e um segurando a cauda imaginou uma corda. Todos os elefantes estavam corretos, mas sua percepção era limitada para um pequeno pedaço de evidência. Para conceituar o todo do elefante, os homens precisavam reunir informações de seus pontos de vista individuais. O elefante dos cegos funciona como uma metáfora para entender o compartilhamento de cama. A evidência é claro: (a) A partilha de cama está associada a mortes infantis, SIDS e acidental, e (b) compartilhamento de cama está associado amamentação; é uma prática cultural de cuidado infantil valorizada, associado com SIDS em alguns grupos culturais de compartilhamento de cama, e não em outros. Para uma avaliação precisa, todas as partes da imagem devem ser reunidas no contexto. Nos dois lados do Atlântico, aqueles que produzem recomendações estão começando a reconhecer o elefante inteiro.

²Moon RY, Fu L. Sudden Infant Death Syndrome: An Update. *Pediatrics in Review*. 2012 July; 33(7):314-20.

³PILGER et al. Síndrome da morte súbita infantil em pelotas de 2006 a 2013: uma análise descritiva. *Revista da AMRIGS, Porto Alegre*, v. 59, n.3, p. 182-185, jul.-set. 2015; BLAIR, Peter S.. Putting co-sleeping into perspective. *Jornal de Pediatria, [s.l.]*, v. 84, n. 2, p.99-101, 27 mar. 2008. GEIB, L.T.C; NUNES, M.L. Hábitos de sono relacionados a síndrome da morte súbita do lactente: estudo populacional. *Cad. Saúde Pública*, v.22, n.2, p. 415-423, 2006.

Sendo assim, discutiremos, nesta dissertação, essa modalidade de sono e quais as principais influências que vêm sendo elencadas com o passar dos anos, tendo base de análise uma família camponesa do interior do Paraná, reiteramos que essa prática deve ser considerada como um todo, para que possa ser compreendida e discutida.

Em um trecho de seu livro que fala sobre infanticídio, Philippe Ariés nos diz que, no século XVII, na França, os pais praticavam o dormir compartilhado como uma forma de matar seus bebês asfixiados:

O infanticídio era um crime severamente punido. No entanto, era praticado em segredo correntemente, talvez, camuflado sob a forma de um acidente: as crianças morriam asfixiadas naturalmente na cama dos pais, onde dormiam. Não se fazia nada para conservá-las ou para salvá-las (ARIÉS, 1986, p. 17).

Principalmente, para a Medicina, o dormir compartilhado pode oferecer risco de asfixia, em alguns casos, e, no caso citado acima, como algo proposital. Dessa maneira, os acontecimentos do final do século XVII, podem interferir nas práticas do dormir compartilhado atualmente, idêntico a algo impregnado, associando o dormir em conjunto com os pais com a síndrome da morte súbita.

Nesse período, as crianças não eram tão valorizadas, e o infanticídio era tolerado de maneira secreta (ARIÉS, 1986). Porém, no final do século XVIII, e início do século XIX, esse cenário se inverteu e “a perda de um filho passou a ser algo muito temido e lamentado, irreparável não só para os pais, mas para a sociedade” (MARTINS, 2008, p. 138).

No século XVIII, distinção dos locais de dormir, iniciou-se:

a família começou a manter a sociedade à distância, a confiná-la a um espaço limitado, aquém de uma zona cada vez mais extensa de vida particular. A organização da casa passou a corresponder a essa nova preocupação de defesa contra o mundo. Era já a casa moderna, que assegurava a independência dos cômodos fazendo-os abrir para um corredor de acesso. Mesmo quando os cômodos se comunicavam, não se era mais forçado a atravessá-los para passar de um ao outro. Já se disse que o conforto data dessa época: ele nasceu ao mesmo tempo que a intimidade, a discrição, e o isolamento, e foi uma das manifestações desses fenômenos. Não havia mais camas por toda a parte. As camas eram reservadas ao quarto de dormir, mobiliado de cada lado da alcova com armários e nichos onde se expunha um novo equipamento de toalete e de higiene (ARIÉS, 1986, p.265).

Anteriormente a esse marco, não havia divisão de quartos, as camas eram espalhadas pela casa e levadas para outros lugares, a cama era independente do

quarto (ARIÉS, 1986). Após essa nova organização da casa com divisão de quartos, outros aspectos também foram sofrendo transformações, sendo uma delas a valorização na infância.

No século XIX, as crianças já eram mais valorizadas e algumas estratégias médicas foram criadas a fim de proteger os bebês das mortes por sufocamento, entre elas, o “Arcuccio” (aparato para prevenir o sufocamento por peso em crianças) criado, na Itália, em 1895, com a finalidade de proteger as crianças da morte por sufocamento, enquanto dormiam com suas mães (BRITISH MEDICAL JOURNAL 1895). É notável que, com a criação desse aparato, a Medicina já vinha influenciando diretamente o dormir, enxergando somente o lado da morte e asfixia, e não levando em consideração outras questões como tamanho da casa, a renda familiar, sendo que não eram todos que teriam acesso a esse instrumento de prevenção.

A constituição da biomedicina ocorreu por meio de disputas de poder e construção de paradigmas, pautada tanto em erros quanto em verdades, buscando evidências. No século XIX, a racionalidade médica triunfou na organização das disciplinas, elaboração de teorias, conceitos, técnicas e instituições (SIGOLO, 2016).

Por essa racionalidade, a medicina influencia nos modos de vida das pessoas e nos seus hábitos de dormir, trazendo o olhar biológico da prática do dormir compartilhado como algo errado, associado com morte, sufocamento e asfixia, tentando, assim, impor uma regra por meio do movimento higienista, para moldar o comportamento das pessoas em nome da saúde, controlando a natalidade e mortalidade.

Os primeiros movimentos de salubridade e de controle iniciaram-se, no Brasil, na década de 1830, “atuando na capital do império os médicos desejavam estabelecer sua autoridade e controle sobre os assuntos relativos ao exercício profissional e à organização da saúde pública” (FERREIRA, 1999, p.1). Assim, iniciou-se atuação médica social, uma vez que:

A medicina social, através de sua política higiênica, reduziu a família a este estado de dependência, recorrendo, o que é mais significativo, a argumentos semelhantes aos atuais. Foi também pretextando salvar os indivíduos do caos que se encontravam que a higiene insinuou-se na intimidade de suas vidas (COSTA, 2004).

Desde o movimento higienista, a medicina vem influenciando a maternidade, no Brasil, no final do século XIX, surgiram diferentes periódicos⁴ que tinham por finalidade “educar as mães”, ou seja, os homens da ciência deveriam nortear as ações das mães com relação à criação dos filhos (SCAVONE, 2001; TOMAZ, 2015; FREIRE, 2008).

Segundo Tomaz (2015), nessa época, os manuais serviram para disseminar as ideias do saber científico, auxiliando na construção da mulher moderna, que não se basearia mais na sabedoria das suas avós, comadres, vizinhas, parteiras e curandeiras.

O discurso das revistas dirigia-se diretamente às mulheres, referindo-se à função dada a elas de maternidade científica⁵, através dos saberes da puericultura, rompendo com ‘antigas’ crenças tradicionais⁶, elas estariam supostamente aptas a desenvolver o novo papel social da mãe moderna⁷ (FREIRE, 2008).

A influência das revistas e da maternidade científica não parece ter influenciado tão diretamente a família “Flores”. Podemos observar que, muitas vezes, os familiares tinham condutas mais condizentes com suas realidades e não iam ao médico com muita frequência. Podemos observar na fala abaixo:

Não só levava para vacinar e se ficasse doente ia e levava para consultar. Mas assim a gente saía levava eles para vacinar e se não tivesse bonzinho levava para consultar lá e pronto e ate as vezes no M⁸. deu uma febre, uma febre, levamos no seu Hamilton da farmácia, deu remédio e pronto, melhorou tudo na farmácia “VIOLETA”.⁹

Nessa narrativa, observa-se que a mãe levava os seus filhos para serem vacinados, e algumas vezes recorria a um farmacêutico de sua confiança. Já, na fala

⁴Vamos criar seu filho (1938), de Carlos Prado; Cartilha às Mães (1935), de José Martinho da Rocha; A Vida do Bebê (1941), de Reinaldo de Lamare.

⁵Adoto aqui o conceito de maternidade científica formulado por Rima Apple (1987), qual seja, o exercício da maternidade fundamentado em bases científicas, objeto de práticas educativas próprias e supervisionado por médicos (FREIRE, 2008).

⁶A tradição, então, não é o passado que sobrevive no presente, mas o passado que, no presente, constrói as possibilidades do futuro (WOORTMANN, p.17, 1990).

⁷Uma vez que, nos séculos XIX e XX houve uma diminuição das taxas de mortalidade infantil, devido à melhoria na qualidade de vida e ao avanço da medicina, as mães eram dispensáveis nesse período, pois se conseguia manter os bebês vivos sem a presença da mesma (IBFAN, 2014).

⁸ M. inicial do nome do filho mais velho de “Violeta”, somente quem concedeu as entrevistas foi nomeado com nome de flores, os demais membros da família citados nas narrativas terão somente suas iniciais.

⁹Entrevista concedida por “Violeta”, 58 anos, filha de “Girassol” à Paula Maria Pankiw, no dia 22 de maio de 2019. (Observação na primeira vez que a narrativa de cada familiar aparecer no texto terá essa descrição nas demais falas ao longo do texto não, assim como a história de vida de cada familiar será detalhada ao longo do texto e no subcapítulo 2.1 Trajetória dos familiares).

abaixo, “Margarida” narra que realizava alguns procedimentos caseiros e recorria a benzedadeiras, sendo essas práticas populares comuns em sua família, porque não tinha como ir ao médico, muitas vezes, por pouco recurso financeiro e até mesmo pela distância até o município mais próximo.

Fazia chá, ia nas benzedadeiras né e fazia um chá caseiro, esfregação, você veja o meu dedo é moído, o “Lírio” tava picando uma raiz eu atentando ele ponhava o dedo embaixo, falou tire o dedo, tire o dedo, ele tacou a facãoada, veja moeu meu dedo a mãe inhou e sarou torto e ta aí. Eu sarei assim mesmo, não tinha, não tinha, era o recurso que tinha na hora ali era isso e ficava. “MARGARIDA”.¹⁰

Porém, nas gerações mais novas, o médico é visto como o responsável para solucionar os problemas relacionados à saúde: “Sim ajudei até hoje ajudo, eles vem aí (filhos). Só que hoje já não é que nem antes, já ficam doente a gente diz levem no médico, não é mais com remédio de casa né” “ROSA”.

Conforme vimos acima, esse saber científico pode influenciar às condutas maternas, no entanto, para os participantes deste estudo os saberes familiares e as vivências maternas têm um valor singular, como é o caso do dormir compartilhado.

Não, não tinha porque na verdade assim, na verdade hoje se for recomenda para filhos meus, não sei posso contraria a medicina tá completamente errado, mas acho que você deve ficar no mesmo quarto até uma certa idade, lógico ate uma certa idade já muda “LÍRIO”.¹¹

Já “Rosa” argumenta que, atualmente, alguns profissionais ressaltam que a prática do dormir compartilhado pode acarretar problemas psicológicos, mas que, antes, não tinha esse pensamento. “Eu ouvi fala, ver nunca vi, agora que os médicos falam né, porque hoje em dia assim já tem um filho já vai passando por Psicólogo tudo, dae que né que a gente ouviu falar, mais antes ninguém falava nada.” “ROSA”

Há alguns anos, o dormir compartilhado vem sendo estudado, e, atualmente, algumas pesquisas elencam mais os seus benefícios do que seus riscos. Blair (2014) argumenta que somente o compartilhado de cama, sem nenhum outro fator associado, tem risco mínimo com relação à morte súbita do lactente.

Dessa maneira, entende-se que os saberes médicos e familiares/tradicionais são complementares, a prática do dormir compartilhado não é errada, mas também deve acontecer com responsabilidade, uma vez, que pais não devem dormir em um

¹⁰Entrevista concedida por “Margarida”, 60 anos, filha mais velha de “Girassol” à Paula Maria Pankiw, no dia 22 de maio de 2019.

¹¹Entrevista concedida por “Lírio”, 61 anos, filho mais velho de “Girassol” à Paula Maria Pankiw, no dia 22 de maio de 2019.

sofá com o bebê, fazer uso de álcool ou drogas, antes de dormir com seus filhos. Assim como outras práticas relacionadas à maternidade, criação dos filhos e doença, os camponeses ofertam chá ou outras práticas, quando eles e seus filhos estão doentes, por muitas vezes ser difícil o acesso ao centro de saúde, entretanto, sempre que necessário, procuram essa ajuda.

Cada participante possui suas singularidades e percepções que perpassam pelo enredo familiar, sendo moldados, a partir daquilo que se tem de cultura e práticas, assim como pelo saber científico e médico, os conhecimentos se complementam, unindo informações e práticas, adaptando-as ao seu cotidiano.

O dormir compartilhado acontece nessa família, e outras práticas, envolvendo as benzedeiras e parteiras são valorizadas pelas comunidades, principalmente, por aquelas que residem no campo.

Nesse mesmo período de dominação do saber científico e treinamento da mulher moderna, foram reforçadas as questões referentes à alimentação infantil, uma vez que a alimentação errônea, segundo os médicos, estava acarretando na mortalidade, por isso promoveu-se o incentivo ao aleitamento materno, tornando a amamentação uma imposição. Em contrapartida, as fórmulas de leite artificial eram incentivadas àquelas mães que possuíam “leite insuficiente”. (FREIRE, 2008; MARTINS, 2008)

Mas o que seria o “leite insuficiente/fraco”? Segundo Almeida e Gomes (1998), para a ciência não existe leite fraco e toda mulher é capaz de produzir leite em quantidade e qualidade suficiente para desenvolvimento saudável do seu bebê. Logo, muitas mulheres alegavam ter pouco leite, que seu leite era fraco ou secou. Assunto bastante complexo, pois, desde século XIX, o leite fraco é uma das principais alegações maternas para o desmame precoce (Almeida, 1999). Essa alegação poderia estar ligada à amamentação como uma imposição, não se valorizando a vontade ou não da mulher em amamentar, assim como todas as questões que envolvem a amamentação.

A justificativa para não conseguir amamentar era, muitas vezes, que o leite era fraco. Esse “leite fraco”

[...] consolidou-se socialmente, sendo um valor cultural aceito e repassado entre várias gerações. Eles constroem o significado do ato de aleitar para a mulher por meio da herança sociocultural adquirida através da vivência dessa mulher em sociedade – transmissão de valores por pessoas próximas

ou mesmo pela observação de mulheres que estão passando por essa mesma situação (MARQUES, COTA, PRIORE, 2009).

Contudo, amamentar vai muito além dos aspectos biológicos, amamentação envolve inúmeros fatores e influências que são culturalmente condicionadas pela sociedade, saber científico e família, sendo que seus costumes podem ser transmitidos pelas gerações, como é o caso do “leite fraco” que influencia o aleitamento materno até os dias de hoje.

Com o passar dos anos, diferentes meios e formas de influenciar a maternidade e amamentação foram se aprimorando, no século XX, a mídia e os meios de comunicação também se destacaram fortes influenciadores da maternidade, alguns especialistas como pediatras, psicólogos e pedagogos usavam esses meios para “educar as mães”¹² na criação dos filhos (MARTINS, 2008).

Os especialistas criaram, assim, as condições para a legitimação de sua autoridade ao mesmo tempo em que semearam a desconfiança sobre as práticas e os saberes maternos transmitidos pelas mães, sogras, vizinhas e amigas, consideradas perniciosas, ignorantes e nocivas para a saúde das crianças. Para as mães só restava a solidão de suas inquietações e as responsabilidades crescentes de uma maternidade que não devia ser compartilhada com mais ninguém a não ser o médico, o único capaz de conduzir a mulher-mãe, de educá-la e corrigi-la, a fim de não se desviar dos ensinamentos produzidos pelo conhecimento especializado (MARTINS, 2008, p.137).

O saber científico pode influenciar as condutas maternas, porém outros fatores também as influenciam, haja vista que as mães vivem em uma sociedade e família, e são rodeadas de informações e costumes que fazem parte de suas vivências, e essas vivências interferem em suas condutas.

Compreendendo isso, o saber comum deve ser respeitado e ressaltado, uma vez que o conhecimento científico deve saber reconhecer e valorizar as contribuições que o conhecimento tradicional tem, segundo Manuela Carneiro da Cunha (2007, p.78):

Para o senso comum, o conhecimento tradicional é um tesouro no sentido literal da palavra, um conjunto acabado que se deve preservar, um acervo fechado transmitido por antepassados e a que não vem ao caso acrescentar nada. Nada mais equivocado. Muito pelo contrário, o conhecimento tradicional reside tanto ou mais nos seus processos de investigação quanto

¹²Cabe destacar que mesmo com o bombardeamento das orientações médicas as mães não as seguiam fielmente, provavelmente liam e adotavam orientações mais práticas, descartando as que não correspondiam aos seus valores e sentimentos (MARTINS, 2008).

nos acervos já prontos transmitidos pelas gerações anteriores. Processos. Modos de fazer. Outros protocolos.

O que deve acontecer é uma troca entre os diversos tipos de conhecimento e que esses sejam complementares, uma vez que, tanto o conhecimento científico quanto o conhecimento tradicional possuem singularidades e processos distintos de obtenção de conhecimento, e, assim, é preciso que haja uma convivência dos diversos sistemas de conhecimento (CARNEIRO DA CUNHA, 2012).

Esses conhecimentos tradicionais é o que veremos ao longo da dissertação, nas narrativas da família camponesa, e como os saberes, principalmente o do dormir compartilhado, perpassam e são modificados entre as gerações, sendo reorganizados ao longo do tempo.

Dito isso, continuando com a revisão histórica do dormir compartilhado, segundo o IBFAN (2014), a maioria das crianças ocidentais, na metade do século XX, dormia em seus quartos, e eram alimentadas com leite artificial. Não praticando o dormir compartilhado, mas os bebês continuavam morrendo em seus berços, inexplicavelmente por um fenômeno chamado de Morte Súbita do recém-nascido ou morte no berço¹³.

A prática do dormir compartilhado é discutida como uma das causas da morte súbita. Porém as variáveis, referentes ao co-leito, como também é conhecido o dormir compartilhado, não são descritas como fazer uso da mesma cama, ou sofá não foram investigadas, assim como o consumo de álcool e drogas indutoras do sono, realizado pelos pais da criança, deveria ser considerado para justificar a morte súbita (BLAIR, 2008). À medida que, o co-leito, de maneira isolada, pode não acarretar na morte do recém-nascido (ISSLER et al, 2010).

Mesmo com as orientações médicas, sobre o não compartilhamento de cama com os pais, as mortes súbitas continuam a acontecer, devendo ser abertas investigações mais minuciosas quanto a essas mortes que não possuem uma causa determinada.

Atualmente (2020), o compartilhamento de camas associado ao risco para a síndrome de morte súbita infantil (SIDS) se tornaram uma questão de saúde pública.

Em uma pesquisa realizada, na cidade de Irati/PR, com profissionais da saúde, acerca do dormir compartilhado, ficou evidente que eles desconhecem o

¹³ A síndrome da morte súbita do lactente (SMSL), ou síndrome de morte súbita infantil (SIDS) não é a causa da morte do lactente, mas sim o nome dado quando não se estabelece uma causa a essa morte que ocorre durante o sono (IBFAN, 2014).

conceito, as indicações e cuidados a serem realizados para a prática do dormir compartilhado e, muitas de suas orientações estão baseadas em impressões pessoais (LANDOWSKY et al, 2017).

Nos Estados Unidos, em 2016, foi criada a campanha “Baby Box” com distribuição de caixas de papelão, a fim de separar os bebês de seus pais, na hora do sono. Todavia, muito além de se ofertar as caixas, devem ser considerados o ambiente e contexto sócio-histórico, pois a separação materno-infantil tem algumas consequências nocivas no impacto da amamentação (BARTICK, TOMORI, BALL, 2017). Dessa maneira, o dormir compartilhado deve ser compreendido a partir de um viés histórico-cultural, levando em consideração quem os pratica, onde e como é realizado.

Rompendo com o que estava impregnado quanto ao não compartilhamento do mesmo quarto, a Academia Americana de Pediatria (2016) recomenda que os bebês devem dormir no mesmo quarto dos pais, até um ano de vida, ou pelo menos os seis primeiros meses, a fim de diminuir os riscos de morte súbita.

Em seu estudo, Ball e colaboradores (2016) evidenciaram que, apenas 15 mães, das 870, de sua pesquisa, relataram que nunca dormiram com seus filhos, durante as primeiras 24 horas de vida. As mulheres que realizaram o dormir compartilhado foram mais propensas a continuar a amamentação de maneira significativa após os 6 meses, do que àquelas que compartilhavam a cama de maneira intermitente ou não dormiam com seus bebês.

Dessa maneira, segundo os autores, as mães que compartilham a cama têm um compromisso mais forte com a amamentação, daquelas que não o fazem, e precisam receber informações de como realizar essa prática com segurança (BALL, et al, 2016).

Trazer o lactante para a cama ou quarto dos pais, torna o processo de aleitamento mais confortável, sendo que “as mães que partilham a cama com o bebê têm tendência a amamentar durante mais tempo, comparativamente com as que não o fazem” (UNICEF, 2005).

O aleitamento materno acarreta em muitos benéficos para a díade mãe-bebê, sendo o único alimento capaz de atender de maneira adequada todas as peculiaridades fisiológicas do metabolismo de um lactente (CARRASCOZA, et al, 2005). Além de ser um momento singular, vivenciado pelas mulheres que amamentam.

Ressaltando que o aleitamento materno, assim como a maternidade, não são meramente comportamentos biológicos, é uma construção social, cultural e histórica, implicado em muitas questões que envolvem, também, as condições econômicas e culturais, isso acontece nessa família, uma vez, as mães vivenciam o processo da amamentação de maneira variada e, mesmo sabendo da sua importância, realizam o desmame precoce, em razão de que precisam retornar ao trabalho com a terra, e seus filhos ficam sobre os cuidados de outros familiares. Assunto que discutiremos nos capítulos seguintes.

De acordo com Blair (2008), alguns estudos evidenciam que o processo de aleitamento materno é facilitado quando o bebê compartilha a mesma cama com a mãe, além desse conforto, pode-se verificar que a promoção de uma prática leva à promoção da outra, ou seja, a prática do dormir pode auxiliar na prevalência do aleitamento materno.

Além dos aspectos biológicos, a amamentação é condicionada socioculturalmente, uma vez que o contexto social, onde a mãe/família está inserida, a cultura e a vontade em aleitar interfere fortemente no ato de amamentar ou não. Tais aspectos mencionados acima, também são determinantes para a prática do dormir compartilhado, e, além destes, segundo Geib (2007), podemos incluir os fatores climáticos e econômicos.

O dormir compartilhado e aleitamento materno estão atrelados e presos por muitos elos, sejam eles familiares, sociais, regionais, porque podem se organizar de maneiras variadas. Há muitas diversidades nas maneiras de dormir, cada indivíduo as realiza a sua maneira, quando falamos em dormir compartilhado, abrimos um leque de opções.

Envolvendo os adultos e seu bebê, esse pode acontecer no mesmo quarto, em camas separadas, na mesma cama, ou o berço acoplado à cama dos pais, como ocorre na família, *corpus* desta pesquisa, uma vez que, seus membros o praticam de maneiras singulares. A matriarca realizava o dormir compartilhado, em camas separadas, no mesmo cômodo, “Depois tinha feito uma cama deapazinho assim, só que minha cama era de apar assim, ponha cama de apazinho, junto não” “GIRASSOL”¹⁴. Esse *deapazinho*, citado por “Girassol”, significa ao lado da cama dela, bem perto, ou seja, além de estarem juntos, essa expressão remete a um zelo,

¹⁴Entrevista concedida por “Girassol”, 80 anos, matriarca da família “Flores” à Paula Maria Pankiw, no dia 10 de abril de 2019.

cuidado, um carinho que só esse momento de estar apazinho do bebê pode proporcionar.

Os hábitos alimentares e de sono são adquiridos, no ambiente social e familiar, os quais repercutem nas condições de saúde dos indivíduos (GEIB, 2007, p. 564). Vale a pena ressaltar que as taxas do co-leito, em diferentes estudos, devem-se, a diversidades socioculturais (SANTOS; MOTA; MATIJASEVICH, 2008). Assim, dormir é uma prática corporal, que está entrelaçada entre hábitos, tradição e cultura de determinadas comunidades.

O termo “prática/técnica corporal” é muito mais abrangente do que se pensa, vai além do biológico, não estando atrelado somente a atividades físicas, mas sim a tudo que fazemos com esse corpo, que está em constante mudança. Pois, qualquer prática que fazemos com o nosso corpo, é fruto de um aprendizado (MAUSS, 1974).

Partindo desse pressuposto, o corpo não é somente natural, as práticas que realizamos com ele são produtos de uma sociedade, onde não há uma normalidade única. O corpo é uma sede de signos e intervenções sociais (MAUSS, 1974).

Dessa maneira, os hábitos de sono são culturalmente apreendidos e adotados pelos indivíduos (GEIB, NUNES, 2006), tratando-se de um comportamento apreendido podem sofrer diferentes influências e acontecer de maneiras variadas, em diferentes culturas e famílias.

A cultura está impregnada em todos, como argumenta Geertz (2008, p.26): “não existem de fato homens não-modificados pelos costumes de lugares particulares, nunca existiram e, o que é mais importante, não o poderiam pela própria natureza do caso”.

[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 2008, p.10).

Conforme observamos, a prática do co-leito é fortemente influenciada pela cultura, costumes, condições econômicas e sociais. A família possui papel fundamental na adesão dessa prática, sendo um costume que pode ser ressignificado entre as gerações, uma vez que a cultura está em constante transformação.

Tanto o dormir compartilhado quanto o aleitamento materno são práticas fortemente influenciadas pelas famílias, a família possui papel preponderante no que concerne à prática do co-leito. Segundo Monson (1991), a amamentação possui papel agregador, favorecendo a nucleação familiar.

A forte influência da família e das relações que essa mantém com outras famílias e sua comunidade, muda a conduta das mães com relação ao dormir e amamentar, dessa maneira os profissionais, principalmente da saúde, devem levar em consideração essas peculiaridades e entender como elas acontecem.

Nos últimos 15 anos, alguns estudos foram realizados sobre essa temática, como já descrevi anteriormente, o que mais se encontra são referências que argumentam que o dormir compartilhado oferece risco de morte súbita para os bebês, e, outros, elencando seus benefícios. Entretanto, estudos que escutem as famílias acerca dessa prática, em seu cotidiano, são escassos.

A prática do dormir compartilhado é influenciada, fortemente, pela cultura, e costumes familiares. E esses aspectos devem ser evidenciados em estudos de campo, de forma qualitativa, para explicar os significados de tal prática de dormir. Destaca-se, assim, a importância de estudos que envolvam as pessoas/comunidade, a tradição e os costumes que os rodeiam. A seguir, discutiremos o papel da família para os camponeses.

1.2 A VIVÊNCIA DE UMA FAMÍLIA CAMPONESA

Participou desta pesquisa uma família camponesa, residente no interior do município de Irati/PR. Ela foi escolhida porque eu já havia tido contato com um de seus membros, sou madrinha de dois dos bisnetos da matriarca, assim, sabia que alguns membros já praticavam o dormir compartilhado, como os meus afilhados e, queria entender se essa prática acontecia com todos os familiares. Uma vez que, tanto o dormir compartilhado quanto a amamentação são práticas que estão entrelaçadas entre hábitos, tradição e cultura de determinadas comunidades/famílias.

A partir das narrativas dessa família de camponeses quanto a suas práticas, na modalidade de dormir compartilhado, possibilitará o entendimento de que a cultura e as heranças familiares são um modo de fazer/viver que devem ser considerados pelos profissionais de saúde e a sociedade em geral, para que assim haja um diálogo com o conhecimento científico. Já que o conhecimento do senso

comum “é prático e pragmático; reproduz-se colado às trajetórias e às experiências de vida de um dado grupo social e, nessa correspondência, se afirma fiável securizante”. (SANTOS, 1988, p.70)

Mas, afinal, por que escolher uma família, que resida no campo, para relatar suas vivências? Por terem um modo de vida singular, irão contribuir com este estudo. A família adota a prática do dormir compartilhado, acontecendo de maneira variada entre os familiares, dessa maneira iremos conhecer um pouco mais sobre o camponês, o trabalho familiar e o papel das mulheres.

Santiago (2008) menciona que o conhecimento camponês tem sua origem na acumulação milenar de experiências, conhecimentos, crenças e costumes que são consistentes uns com os outros.

Nesse sentido, utiliza o conceito de "conhecimento" para designar o conhecimento empírico dos camponeses, que não é uma herança imutável. Pelo contrário, é incessantemente modificado, restrito ou estendido, transforma-se; os protagonistas vêem a agricultura como um todo e como um modo de vida” (CARRERA-GARCÍA, NAVARRO-GARZA, PÉREZ-OLVERA, MATA-GARCÍA, 2012, p. 456).

Esses conhecimentos fazem parte de um todo, de um conhecimento que foi desenvolvido e ensinado a gerações, há muitas décadas, de uma maneira prática. “O conhecimento camponês precisa dessa experiência cotidiana, que é inseparável dos lugares onde habita. É um tipo de conhecimento totalmente dependente do seu relacionamento com o meio.” (GIRALDO, 2018, p. 81).

Este modo de vida camponês está fundamentado, de forma relacional, na tríade terra-trabalho-família.

A maneira particular com a qual o camponês se relaciona com a sociedade, a partir da combinação de vários elementos, lhes dá uma condição social que nos permite identificá-lo como um “**modo de vida**”. O campesinato é marcado pela **flexibilidade** de adaptação com a finalidade de reproduzir material e culturalmente, o seu **modo de vida**. Este **modo de vida camponês** não é tipicamente capitalista, pois não tem como fundamento principal a **acumulação**, mas sim a **ajuda mútua**, característica que marca as comunidades camponesas. O princípio fundamental do campesinato é a **reprodução material e cultural familiar**, por meio da produção para subsistência e a venda do excedente dessa produção. (Camacho, 2014, p.3, grifos no original).

Além disso,

são elementos estruturais da produção camponesa: **a força de trabalho familiar**, a família camponesa funciona com um trabalhador coletivo; **a ajuda mútua**, entre essas práticas está o mutirão ou troca pura e simples de dias de trabalho entre eles; **a parceria**, o camponês ao contratar um parceiro, divide com ele custos e ganhos (OLIVEIRA, 1986, apud Camacho, 2014, p.5, grifos no original)

Sendo assim, “esta é a direção que condiciona as estratégias de sobrevivência camponesa, não é a lógica do capital que atua como organizadora da unidade do campesinato, pois o mesmo possui a sua própria lógica de reprodução” (CAMACHO, 2014, p.5).

O conhecimento camponês que por muitos anos vem sendo restringido, deixando-se de lado seus saberes históricos, em detrimento do conhecimento científico, é fundamental que uma troca de conhecimentos seja realizada, entende-se que os saberes não se excluem totalmente e, essa troca, pode ser muito rica para ambos os lados (SOUZA, 2009).

Numa perspectiva geral, o campesinato corresponde a uma forma social de produção, cujos fundamentos se encontram no caráter familiar, tanto dos objetivos da atividade produtiva – voltados para as necessidades da família – quanto do modo de organização do trabalho, que supõe a cooperação entre os seus membros. A ele corresponde, portanto, uma forma de viver e de trabalhar no campo que, mais do que uma simples forma de produzir, corresponde a um modo de vida e a uma cultura (WANDERLEY, 2015, p. 26).

O camponês organiza seus valores de vida e de (re)produção social pela dinâmica da terra, família e trabalho (TEDESCO, 1998). A terra tem papel fundamental na vida do camponês, porque é dela que ele retira o sustento de sua família, e desempenha seu trabalho. Nela, esses familiares se encontram, estabelecem relações e compartilham saberes. Além disso, a terra representa liberdade, pois o camponês tem autonomia em controlar o tempo de trabalho da família, assim como se manter na terra e, nela, continuar com as próximas gerações (SANTANA, 2012).

Nessa perspectiva, não se vê a terra como objeto de trabalho, mas como expressão de uma moralidade; não em sua exterioridade como fator de produção, mas como algo pensado e representado no contexto de valorações éticas. Vê-se a terra, não como natureza sobre a qual se projeta o trabalho de um grupo doméstico, mas como patrimônio da família, sobre a qual se faz o trabalho que constrói a família enquanto valor. Como patrimônio, ou como dívida de Deus, a terra não é simples coisa ou mercadoria (WOORTMANN, p. 12, 1990).

Para a família “Flores”, a terra precisou ser ampliada para atender as necessidades de todos:

Resolvi de vim pra cá¹⁵, dae lá como o terreno era pouco, eu fui trabalhando ele foi trabalhando, juntando dinheiro, juntou dinheiro dae comprou, dae compremos esse terreno aqui, só que lá¹⁶ ficou o terreno, foi guardando assim vendia milho, porco, e foi guardando o dinheiro, foi guardando a gente malmente dava assim, comprava o que precisava só né, até que juntou dinheiro dae foi comprado aqui esse terreno aqui, dae foi comprado, dava metade de entrada e metade pagando por ano né.” “GIRASSOL”

Segundo Almeida (2007), “Estar contente na terra é para o camponês ter o poder de garantir a comida da família, o direito sagrado à subsistência”, como observamos, na fala de “Girassol”: “[...] a lavoura era coisas de comer só, era batata cebola, feijão, milho, dae de comer a gente tinha porco, tinha galinha, tinha criação, ia tendo as criação, ele tinha né.” “GIRASSOL”

O trabalho, na terra do camponês, para sua subsistência conta com o trabalho familiar, segundo Tedesco (1998, p. 227)

A força de trabalho do produtor familiar “colono mesmo” reproduz-se em nível familiar, não individual. Assim, a combinação do trabalho feminino com o masculino reduz custos familiares na contratação de mão-de-obra “de fora”, redefine as relações locais de trabalho, desorganiza e (re)organiza a divisão familiar do trabalho e os processos de entre-ajuda (puxerão e troca de dias) entre famílias vizinhas e/ou parentes.

Os camponeses constróem um modo de vida e uma forma de trabalhar que são constituídos pelos laços familiares e de vizinhança, assim, são equivalentes com os da agricultura familiar (WANDERLEY, 2015). Uma prática usada pelos camponeses, segundo Santana (2012), é o de ajuda mútua:

Esta é realizada entre os próprios vizinhos quando os braços familiares não são suficientes para determinada produção ou colheita. O vizinho ajuda sem receber nada em troca, apenas a confiança de que numa eventual necessidade também tem com quem contar.

Essa forma de ajuda mútua ocorre com alguns membros da família “Flores” e seus vizinhos, uma vez que, desde que vieram, moram na propriedade onde residem até hoje, “Girassol” relatou que seus vizinhos os ajudaram, até mesmo na construção de sua casa.

¹⁵ Para o Guaçatunga, comunidade localizada próxima ao distrito do Guamirim.

¹⁶ Cerro do Leão, comunidade localiza próxima ao Município de Inácio Martins.

Agora, retornemos aos laços familiares onde a mulher camponesa assume papel fundamental na produção familiar, porém sua contribuição é vista apenas como complementar ao trabalho masculino, ressaltando que as mulheres do campo têm importância crucial e histórica para o desenvolvimento da agricultura familiar. A produção agrícola, no Brasil, bem como na maioria dos países latino-americanos, é feita a partir da unidade familiar. (CASAGRANDE, 1991).

Na família “Flores”, e nas demais famílias camponesas, as mulheres têm papel fundamental no trabalho com a agricultura: “Eu trabalhei na roça desde idade, acho que de uns 7 anos, 8 anos já tinha que ir para roça.” “MARGARIDA”. “Margarida” e suas irmãs iniciaram o trabalho com a terra, desde muito cedo.

Na casa nós tinha que trabalhar, me lembro ainda no primeiro natal eu ganhei um corte de vestido e dae a mãe disse fique boazinha e me ajude nos serviços tudo, junta cavaquinho, eu varria né o que ela mandasse eu fazer dae que eu ganhava uma boneca. “VIOLETA”

Nos relatos, podemos observar que, nessa família, as mulheres¹⁷, desde criança, auxiliam no trabalho como agricultoras, e, até hoje, ainda, desempenham esse papel, auxiliando seus maridos na lavoura, além dos afazeres domésticos. “As mulheres em geral¹⁸, no meio rural, foram educadas e compreendem que é através do trabalho, do esforço e do sacrifício que sua identidade encontra *lugar* no mundo social” (TEDESCO, 1998, p. 226, grifo no original).

No seio familiar, o homem e a mulher sempre exerceram papéis diferentes, o homem sempre teve o papel de trabalhador e a mulher de “dona de casa”. O papel de cuidar da família e da casa é uma forma de ascensão social (PRADO, 1985).

Segundo Kinibiher (1977), citado por Scavone (2001), a maternidade sempre foi associada à fecundidade da terra, nas sociedades rurais. As crianças eram necessárias para o trabalho e como segurança para a velhice dos pais, na doença e para o futuro.

¹⁷ Apesar da mulher agricultora sempre trabalhar, sua disputa de espaços na esfera pública se iniciou apenas na década de setenta, com o auxílio da igreja, sendo que a família sempre foi primordial para a igreja. Para ela estava no momento da mulher obter maior consideração como pessoa, pois as mulheres camponesas se descobrem como cidadãs e pessoas (CASAGRANDE, 1991). Segundo dados do IBGE (2010), a população rural é formada por 47,9% de mulheres e 52,1% de homens. Com relação à ocupação no meio rural, a maior parte das mulheres trabalha para o autoconsumo (46,7%) ou com trabalho não remunerado (30,7%).

¹⁸ “Ao lutar por direitos sociais, por meio de determinada identidade, as mulheres produzem um novo sujeito político: as mulheres agricultoras” (SALVARO, LAGO, WOLFF, 2013, p.81). Pois se reconhecer como trabalhadoras rurais, sendo que anteriormente não havia o “conhecimento” de seus direitos e não se reconheciam como tal, mesmo desempenhando o mesmo papel de trabalhadora (SALVARO, LAGO, WOLFF, 2013).

Observarmos isso na fala de “Lírio” que, assim como seus irmãos, desde criança, foi criado para os afazeres com a terra:

Naquele tempo a 50 e pouco anos atrás, era completamente diferente de hoje né, a gente estudava e trabalhava, então normalmente no começo era serviço caseiro, descascava milho, cortava lenha pra mãe ajudava o pai a tratar criação, e estudava as atarefas de casa, dae depois quando já foi ficando mais com uns 12, 13 anos, já começou a fazer pequenos serviços na roça, e depois aí foi trabalhando. “LÍRIO”

Na fala de “Lírio”, fica nítido que ele foi criado para saber os afazeres da terra, um conhecimento transmitido de pai para filho. Segundo Woortmann (p. 43, 1987), “a transmissão da terra sem o saber não transformaria essa terra em terra de trabalho, nem em patrimônio familiar. E pelo saber que o pai “governa”, “dá a direção” do processo de trabalho.” Esse saber é uma forma de transmissão intergeracional¹⁹.

Retornemos ao papel da mulher que, atualmente, desempenha várias funções, porém é mais cobrada no âmbito da maternidade, uma vez que essa, muitas vezes, é idealizada pelos outros e pela própria mulher. A mulher do campo tem seus próprios costumes em relação aos cuidados maternos, os quais podem diferir da mulher contemporânea que reside nos grandes centros.

As mulheres do campo, da floresta e das águas têm sua vida fortemente marcada pelas características dos lugares onde vivem. Estas mulheres têm um jeito próprio de cuidar da vida e da saúde, que se expressa nas práticas populares de cuidado que desenvolvem articuladas com a luta por uma saúde pública e universal, que repercute no modo de viver no campo. (MINISTERIO DA SAÚDE, 2015)

Segundo Woortmann, em uma entrevista, cedida para Carneiro e Menasche (2018), o ideal de corpo das mulheres do campo é diferente das urbanas; para os camponeses, o corpo feminino deve ser forte, para a geração de filhos saudáveis, sendo esse o papel que seu gênero lhe atribui, o da maternidade, assim como a capacidade para o trabalho. Atualmente, esses ideais podem sofrer alterações com a interferência da mídia e maior proximidade com o urbano, muitos dos valores tradicionais são questionados e descartados, gerando inquietações entre os gêneros e gerações.

¹⁹ O conceito de transmissão intergeracional compreende a travessia de uma geração à seguinte de legados, rituais e tradições, a qual pode ser consciente ou inconsciente (LISBOA, FÉRES-CARNEIRO, JABLONSKI, 2007, p.52).

Apesar de a mulher do campo ser vista, muitas vezes, como reprodutora e mãe, desempenha diferentes papéis que vêm se aprimorando com o tempo. As mulheres são o principal alicerce da produção camponesa, e mantêm relações e costumes que são ressignificados ao longo do tempo.

A essência do camponês vem se entrelaçando pelo seu “modo de vida”, que envolve principalmente a família e tradição. A história está em constantes mudanças, e essas transformações interferem no corpo social, ela não fica no passado, nem tudo que resta do passado, pois, ao lado da história escrita, existe uma história viva que se perpetua através do tempo (HALBWACHS, 1990). É essa história viva que deve ser resgatada e conhecida.

A história é construída pelas narrativas de memórias. Para Halbwachs (1990), a memória é coletiva, não é um fenômeno estritamente individual e sim constituído nas relações com o grupo, é uma construção social moldada pela família e sociedade, a memória individual se introduz na memória coletiva (SILVA, 2002).

De acordo com Ricoeur (1996) (apud SILVA, 2002, p. 429), “esse novo tempo se constitui através narrativas dos acontecimentos históricos que, em geral, são transmitidas diretamente de gerações a gerações”. Essa transmissão pode se entender como tradição que pode se propagar no seio familiar.

Mas o que seria família? A família foi originalmente um fenômeno biológico de produção e conservação, ao longo do tempo, sofreu alterações quanto a tamanho, função social e política. Na função social, assume o papel de proteção social dos membros e adaptação e transmissão de uma cultura (CARVALHO, LOPES, 2016).

Essa instituição sempre desempenhou papel fundamental na vida em sociedade, por meio dela o homem se relaciona com o meio onde vive, no decorrer dos anos, vem se adaptando, sofrendo mudanças de paradigmas e costumes (MALUF, 2010).

As mudanças que ocorrem nas famílias acontecem de acordo com a época e sociedade, porém essa instituição se adapta às situações ao longo do tempo, “é através dela que a sociedade tem controle dos indivíduos, por meio da reprodução de hábitos, costumes e valores que serão transmitidos a novas gerações” (PRADO, 1985).

É que a questão de família não pode ser percebida de uma forma dogmática, pois o padrão que temos hoje não decorre da natureza, nem é uma necessidade universal, sendo perfeitamente possível que uma

sociedade estável e duradoura possa existir sem ela, e que a família mantenha uma identidade legal, econômica e sentimental, mesmo quando estruturada de modo totalmente diverso (PAULO, p.17, 2006).

No século XIX, a família burguesa é a que influencia a moderna, nela, homem e mulher possuem diferentes papéis, e a mulher tem como principal função cuidar dos filhos, dedicando muito do seu tempo à vida doméstica e, algumas delas, além da vida doméstica, à jornada de trabalho fora. Porém recebem muito menos daquilo que é pago aos homens, considerados os chefes de família. Assim, pela pressão social de uma valorização da mulher, como mãe e esposa e baixa remuneração, não permite o seu próprio sustento, faz com que a opção mais viável para as mulheres seja o casamento (BIROLI, 2014).

Com a chegada do príncipe regente ao Brasil, as regras da casa foram mudando, as casas que eram fechadas somente aos familiares, foram abertas a estranhos em festas, bailes e saraus. As pessoas começam a se diferenciar, mostrar suas singularidades, e a família tem o papel de proteger a infância. Como aconteceram muitas mudanças, a família, muitas vezes, sentia-se desamparada, a solução para isso foi recorrer aos médicos, que eram os detentores do saber (PAULO, 2006).

Surgiu então o Movimento Higienista, que apresentava a medicina como padrão regulador dos comportamentos íntimos, ajudando a família a se adaptar à urbanização, redefinindo formas de convivência e de organização interna, determinando novos papéis e funções sociais para seus membros (PAULO, 2006, p.25).

Alguns resquícios dessa influência da medicina, na organização familiar, ainda perduram até os tempos atuais, principalmente, no que se refere à criação dos filhos e à maternidade.

Ao longo dos anos, os padrões familiares sofreram mudanças, influenciadas pelos laços afetivos e de parentesco, e pelo contexto social, normas vigentes, gênero, raça e classe social. No século XX, as mulheres se casam mais tarde, têm menos filhos, separam-se com maior frequência, e desempenham o papel de chefes de família (BIROLI, 2014).

A família tradicional constituía-se por um grupo social que compreendia um homem e uma mulher unidos pelo casamento (família monogâmica). Todavia existem outras configurações familiares, isto é: família consanguínea, família punaluana, família sindiásmica, família patriarcal (PAULO, 2006). Atualmente, há

variados tipos de casamentos, que envolvem a união de diferentes indivíduos, originando, assim, diversos tipos de famílias, como é o caso da família homoafetiva²⁰.

A família possui diferentes arranjos, formas de organização, envolve a participação de diferentes personagens, sendo ressignificada ao longo dos anos. No entanto, sempre desempenhou um papel de destaque na proteção das diferentes sociedades, com o Estado e mercado, é responsável pela gestão de riscos sociais, ocupando papel central na provisão de bem-estar (TRAD, 2014).

Cabe ressaltar que, na interação dos vínculos familiares, encontramos uma herança intergeracional, “a qual se reflete na relação familiar e afeta as alianças, os pactos e a convivência entre os membros. Na dimensão grupal familiar converge uma trama de complexas intermediações, engendradas pela herança intergeracional e conduzidas também pela cultura” (LISBOA, FÉRES-CARNEIRO, JABLONSKI, p.52, 2007).

Não existe um conceito fechado de família, mas essa tem papel de destaque na sociedade. Cada instituição familiar desempenha diferentes papéis, segundo seus valores, costumes, localização. É fundamental que conheçamos um pouco da família protagonista desta dissertação. Para isso, no capítulo 2, iremos conhecer a família “flores”, seus afazeres, sua comunidade, suas práticas e heranças intergeracionais.

²⁰ No final do século XX que começou a se ter percepção de uma família homoafetiva, apesar de que os relacionamentos homossexuais já existiam há muito tempo. Porém foi somente neste século que aconteceram mudanças culturais e de normas que fizeram com outras formas de família fossem reconhecidas (BIROLI, 2014).

2. CAPÍTULO 2. CONHECENDO A FAMÍLIA “FLORES”, SUA COMUNIDADE E SUAS PRÁTICAS

A família influencia nas importantes decisões de seus membros, pelas relações, que estabelecem, possuem autonomia para isso. Cada grupo familiar possui seus arranjos, não podemos falar em história da família, mas, sim, história de cada grupo familiar (PRADO, 1985). É relevante que conheçamos a família estudada e a comunidade onde residem.

A comunidade nasce da união de alguns indivíduos, decididos a viverem em um grupo social autossuficiente, e sua composição irá variar de acordo com as regras e meios de vida (PRADO, 1985).

O local, a comunidade, a família, por nos serem próximos, tendem a representar segurança e proteção em um mundo aparentemente instável, de proporções globais etc. Uma vez estruturados com base em harmonia e solidariedade, seriam espaços de abrigo e amparo em meio às turbulências da vida urbana (PERUZZO, VOLPATO, 2009, p.140).

A palavra comunidade remete-nos a uma sensação boa, é um lugar confortável, onde um ajuda o outro, porém

“Há um preço a pagar pelo privilégio de “viver em comunidade” — e ele é pequeno e até invisível só enquanto a comunidade for um sonho. O preço é pago em forma de liberdade, também chamada “autonomia”, “direito à autoafirmação” e “à identidade”. Qualquer que seja a escolha, ganha-se alguma coisa e perde-se outra. Não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade. A segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito. De qualquer modo, nenhuma receita foi inventada até hoje para esse ajuste (BAUMANN, 2003, p. 10).

Esse espaço se relaciona com o local, região, para compreendê-lo, vários fatores devem ser considerados, entre eles: históricos, econômicos, políticos, comunicação, sociais, além das especificidades de cada um (PERUZZO, VOLPATO, 2009).

A família “Flores”, *corpus* desta pesquisa, reside na comunidade de Guaçatunga, no distrito de Guamirim, esse faz parte do município de Irati, Paraná (ORREDA, 1974).

Irati, município do estado do Paraná, localizada na região sudeste do estado, a cerca de 150Km da capital Curitiba, população estimada de 61.088 habitantes

(IBGE, 2020). A sua colonização foi marcada pela presença dos índios, tropeiros e, sobretudo, imigrantes. A ocupação da região, que era denominada de “Covalzinho”, aconteceu junto com o ciclo do tropeirismo (ZAKRZEVSKI, 2005).

Porém, o que realmente é comprovado que no início da República a sociedade na região começa a ser estruturada e organizada, principalmente com a estrada de ferro e a vinda dos primeiros imigrantes, os holandeses, que chegariam em 1908, em Irati, e os demais que se seguiram, os poloneses, ucranianos, italianos, entre outros (ZANLORENZI, 2012, p.52).

Inicialmente, plantava-se milho e feijão na região, por volta dos anos 50, os imigrantes poloneses introduziram a cultura da batata inglesa. A produção foi tão grande que o município foi considerado, segundo Spegiorin (2007), a “capital da batata” (ZAKRZEVSKI, 2005). Hoje, ainda se planta milho, feijão e batata, além de soja e fumo.

O distrito do Guamirim, assim denominado, em 1947, era chamado de Bom Retiro. É o mais antigo distrito judiciário de Irati, a 3 quilômetros da Vila, conforme também era chamado. Nele, localiza-se a estação ferroviária de Governador Ribas. O distrito é formado por várias comunidades, entre elas, Guaçatunga (Irati, 70 anos).

A família de Girassol se estabeleceu nessa comunidade, há mais de 50 anos residem no local. Girassol, logo que se casou, morava com seu esposo no Cerro do Leão, localidade próxima a Guaçatunga, a qual faz divisa com o município de Inácio Martins.

A partir de 1947, Guaçatunga contava com uma escola rural, o Colégio Nossa Senhora da Luz, mantido pelas irmãs Servas da Imaculada Virgem Maria (ORREDA, 1974). Segundo “Girassol” quando eles vieram morar na região, em meados dos anos 1970, havia somente dois vizinhos, e suas famílias residem, ainda, no mesmo local.

Primeiramente, moravam em um “Paio”, sem repartições, onde dormiam todos no mesmo cômodo, após alguns anos, construíram uma casa maior. “Aqui foi feito a casa não tinha nada, era somente a terra, [...] dae que foi construído a casa, primeiro foi feito um paio como dizem (...) dentro da casa era tudo junto (risos) só que cada um na sua cama.” “GIRASSOL”

O dormir compartilhado era uma prática da família “Flores”, devido à falta de mais cômodos na residência. Porém, mesmo justificando a condição financeira da família, o dormir compartilhado é exposto pelos familiares como algo prazeroso,

remetendo a um momento de união familiar, que era, e, ainda, é praticado pelos pais e seus filhos. “Simmm. Dormiam junto é junto, depois. A gente dormia e não tinha outro lugar, dormia porque tinha que dormi né, mas a gente cuidava melhor eles se esquentavam melhor, porque se você deixasse sozinho.” “MARGARIDA”

Fica nítido, na fala de “Margarida”, que a experiência do dormir compartilhado acontece nessa família, o seu “sim” é enfatizado, demonstrando que essa prática é algo bom, pois oferta um cuidado maior ao seu bebê. Discutiremos o assunto, mais afundo, ao longo do texto. Agora, iremos focar como é o sustento dessa família, e as relações que ela estabelece com a agricultura.

“Girassol” e seu marido se estabeleceram, na região, e criaram seus filhos por meio do trabalho com a agricultura. Coincidindo com o que Orreda (1974) fala que, após os anos 1940, a força de produção do Distrito se concentrou no plantio de batata, feijão, arroz e cebola. Sendo esse tipo de cultivo que a família plantava, estendendo-se até os dias de hoje.

O modo de produção e reprodução da família foi sempre alicerçada na agricultura familiar, todos ajudavam, desde pequenos, na lavoura. A maioria dos filhos ainda trabalha no campo e sobrevive da renda do plantio. Como observamos, na fala de “Rosa”, ela conciliava o trabalho na terra com os estudos: “Quando a gente era pequeno até os 7 anos a gente brincava né, dae depois a gente ia pra aula voltava, ia pra roça, porque já dos 10 anos em diante naquele tempo estudava meio período e meio já ia pra roça, estudei até a quarta serie depois já parei.” “ROSA”²¹

A matriarca e seu esposo tiveram seis filhos, sendo dois homens e quatro mulheres, todos residiram no Guaçatunga até se casarem. Após o casamento, três de seus filhos permaneceram na mesma propriedade. O mais velho “Lírio” mora com “Girassol”, na própria casa, outros dois, “Rosa” e “Cravo”, moram na propriedade da mãe. Dos outros três filhos, uma (“Margarida”) mora em uma localidade próxima, denominada Governador Ribas. Outra (“Violeta”) reside no Cerro do Leão, na propriedade que a família tinha, antes de se mudar para o Guaçatunga, e, outra filha (“Hortência”) reside na cidade de Irati.

“Lírio”, o filho mais velho, foi incumbido de cuidar e morar com sua mãe “Girassol”. Após morte de seu pai, herdou a parte central da propriedade e continua

²¹ Entrevista concedida por “Rosa”, 56 anos, filha de “Girassol” à Paula Maria Pankiw no dia 22 de maio de 2019.

“Girassol”, mulher guerreira, criou seus filhos com sacrifício e ofereceu, do jeito que ela podia, a oportunidade de estudo a todos eles. Ela se emocionou muito em falar sobre educação, pois é analfabeta e considera o estudo fundamental para a vida.

Então eu não sei nada, então eu não exergo as coisas, porque não sei, eu já falei para eles eu não sou cega porque graças a deus eu exergo, mas eu tomei na cara por duas vezes de eu perguntar uma coisa para uma certa pessoa e ele me diz assim, você não é cega você enxerga, porque que não está vendo lá na placa, aquilo me doeu sabe, ta certo ele falou a verdade não sou cega, mas eu não sei o que diz naquela placa, não aprendi, não tive aquele poder de eu tá, por isso eu aconselho muito meus netos estudem!! estudem, eu ajudo com o que puder, porque né, é com ajuda que vai. “GIRASSOL”

Em sua narrativa fica nítido que não ter estudo abalou sua vida, dessa maneira ela aconselhou muito seus filhos e netos a estudarem, isso fica evidente nas próximas gerações, pois uma de suas filhas possui curso superior, e metade dos seus netos também.

Neste trabalho, as narrativas são ponto chave, segundo Benjamim (1994), citado por Delgado (2003, p. 21, 22):

As narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram da História da humanidade.

As narrativas serão uma forma de a família “Flores” contar suas histórias e práticas, e, como essas acontecem entre as gerações.

Abaixo, segue um fluxograma, baseado em AUGÉ (2003), com a descrição dos familiares e suas relações de parentesco, idade e profissão.

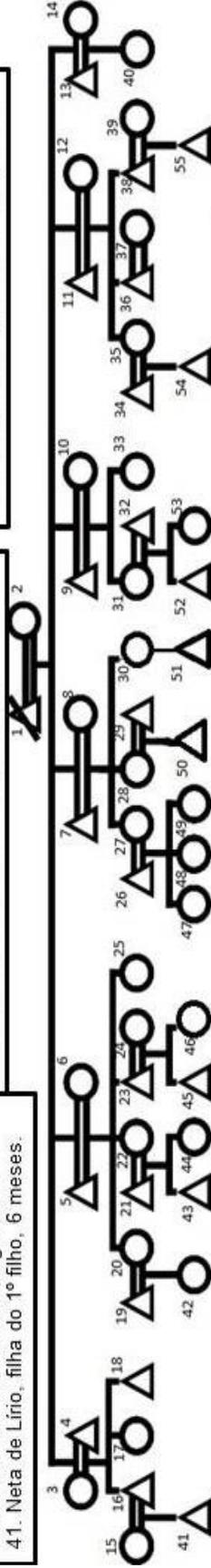
- 1. Patriarca, falecido, 88 anos era Agricultor.
- 2. GIRASSOL, matriarca, 81 anos, Agricultora aposentada.

- 3. Esposa de Lírio, Agricultora.
- 4. LÍRIO, filho mais velho, 62 anos, Agricultor.
- 15. Esposa 1º filho de Lírio.
- 16. 1º filho de Lírio, 33 anos, Engenheiro Florestal.
- 17. 2ª filha de Lírio, 28 anos, Enfermeira.
- 18. 3º filho de Lírio, 20 anos, Agricultor.
- 41. Neta de Lírio, filha do 1º filho, 6 meses.

- 7. Marido Rosa, Agricultor.
- 8. ROSA, 58 anos, Agricultora.
- 26. Marido da 1ª filha de Rosa.
- 27. 1ª filha de Rosa, 37 anos, Agricultora.
- 28. Esposa do 2º filho de Rosa.
- 29. 2º filho de Rosa, 30 anos, Engenheiro Florestal.
- 30. 3ª filha de Rosa, 28 anos, Guarda Municipal.
- 47. Neta de Rosa, filha da 1ª filha, 13 anos.
- 48. Neta de Rosa, filha da 1ª filha, 9 anos.
- 49. Neta de Rosa, filha da 1ª filha, 2 anos.
- 50. Neto de Rosa, filho do 2º filho, irá nascer.
- 51. Neto de Rosa, filho da 3ª filha, 2 anos.

- 13. CRAVO, filho mais novo, 52 anos, Agricultor.
- 14. Esposa Cravo, Agricultora.
- 40. Única filha de Cravo, 27 anos, Professora.

- 11. Marido Violeta, Agricultor.
- 12. VIOLETA, 54 anos, Agricultora.
- 34. Marido da 1ª filha de Violeta.
- 35. 1ª filha de Violeta, 30 anos, Bancária.
- 36. 2º filho de Violeta, 29 anos, Marceneiro.
- 37. Esposa do 2º filho de Violeta.
- 38. 3º filho de Violeta, 26 anos, Agricultor.
- 39. Esposa do 3º filho de Violeta.
- 54. Neto de Violeta, filho da 1ª filha, 2 anos.
- 55. Neto de Violeta, filho do 3º filho, 1 ano.



- 5. Marido Margarida, 61 anos, Agricultor.
- 6. MARGARIDA, filha mais velha, 60 anos, Agricultora.
- 19. Marido da 1ª filha de Margarida.
- 20. 1ª filha de Margarida, 40 anos, segurança.
- 21. Marido da 2ª filha de Margarida.
- 22. 2ª filha de Margarida, 39 anos, Confeiteira.
- 23. 3º filho de Margarida, 32 anos, Professor de Ensino Superior.
- 24. Esposa do 3º filho de Margarida.
- 25. 4ª filha de Margarida, 30 anos.
- 42. Neta de Margarida, filha da 1ª filha, 14 anos.
- 43. Neto de Margarida, filho da 2ª filha, 15 anos.
- 44. Neta de Margarida, filha da 2ª filha, 8 anos.
- 45. Neto de Margarida, filho do 3º filho, 5 anos.
- 46. Neta de Margarida, filha do 3º filho, irá nascer em julho de 2020.

- 9. Marido Hortência, motorista aposentado.
- 10. HORTÊNCIA, 56 anos, Aux. Administrativa aposentada.
- 31. 1ª filha de Hortência, 35 anos, Turismóloga.
- 32. Marido da 1ª filha de Hortência.
- 33. 2ª filha de Hortência, 28 anos, Advogada.
- 52. Neto de Hortência, filho da 1ª filha, 2 anos.
- 53. Neta de Hortência, filha da 1ª filha, 1 ano.

SISTEMAS DE NOTACÃO

Para a representação figurada das relações de parentesco, empregaram-se, geralmente, os seguintes símbolos:

△	Homem
○	Mulher
□	Pessoas de sexo indistinto
⊠	Ego
—	Casamento
—	Divórcio
— —	Laço de filiação, descendência
— —	Relação de irmãos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe
— — —	Relação indeterminada

(AUGÉ, 2003)

A família “Flores” possui suas peculiaridades, é uma família unida, que adota a prática do dormir compartilhado de maneira variada e uma história rica, que envolve a união familiar e o trabalho na terra, onde algumas práticas acontecem e são valorizadas entre as gerações e outras são transfiguradas. Cada membro dessa família possui suas particularidades, entre eles há: agricultores, engenheiros, professores, muitos dos netos não trabalham e nem residem mais no campo, mas alguns ainda seguem a vida de plantio e cuidados com a terra, observa-se um zelo pela educação que vem da matriarca.

A prática do dormir compartilhado é adotada por esses familiares como um momento prazeroso, porque envolve um cuidado e, mesmo após a casa da família ser ampliada, essa prática continua, pois estar de “deaparzinho”, na hora de dormir, é o que importa para que seus filhos sintam o cuidado e aconchego. E essas vivências devem ser compartilhadas para que todos tenham acesso.

Historicamente, a ciência prezou por pesquisas objetivas e quantificáveis. O conhecimento científico foi fragmentando em disciplinas, e o pesquisador se torna especialista de uma pequena parte, não considerando o todo. Com o desenvolvimento científico, as disciplinas começam a se conectar novamente, levando em consideração o todo, de maneira transdisciplinar (MORIN, 2003). Como argumenta Boa Aventura Souza Santos (1988, p.70), “O conhecimento científico pós-moderno só se realiza enquanto tal na medida em que se converte em senso comum.”

As famílias, as que residem no campo, possuem seus modos de vida, suas práticas e valores, que devem ser respeitados e acolhidos por todos e pelos profissionais de saúde. Quanto às recomendações sobre o dormir compartilhado, o saber científico e a medicina influenciam as condutas maternas, frente ao modo de dormir e o aleitamento materno. Esses conhecimentos foram disseminados como único a serem seguidos, não valorizando os saberes populares e as singularidades maternas e familiares.

Estamos em constante desenvolvimento e, conforme vimos, o senso comum pode contribuir e muito com a ciência, uma vez que todos os lados do dormir compartilhado devem ser entendidos, os números, os estudos e, principalmente, as práticas vivenciadas pelas famílias, para que possa ser compreendido e respeitado.

2.1 TRAJETÓRIA DE SEUS FAMILIARES

Neste momento, destaco a trajetória dos familiares entrevistados, foram escolhidos nome de flores para nomeá-los, pois os considero como uma família de diferentes flores, onde cada um possui suas particularidades, por isso a nomeação. Nas discussões, será dada primazia para as falas dos familiares, resgando suas trajetórias, práticas e vivências.

“GIRASSOL”

“Girassol”, a matriarca da família, 81 anos, casou-se jovem, com 19 anos, e foi morar, agora, com o esposo, no Cerro do Leão. Após alguns anos, decidiram se mudar para a propriedade atual, no Guaçatunga, justificado pelo terreno ser maior e mais próximo para as crianças estudarem, uma vez que, “Girassol” sempre incentivou a educação dos filhos.

Aqui porque lá no cerro lá, nós se criemos lá, nós os dois o casal, nós somos de lá os dois, nos casamos e vivemos lá 15 anos o “LÍRIO” tinha mais ou menos 16 anos nós moramos lá, que seja 16 acho pouco mais até, porque o “LÍRIO” completo lá, dae acontece que lá o terreno era pouco para nós planta, as escolas os mais velhos, os 3 mais velhos meus eles saiam, eles caminhavam uma hora pela estrada, eles saiam do cerro do leão e vinham na aula deles era aqui na água clara, ali aonde você passou aquele cruzo de linha. [...] Resolvi de vim pra cá, dae lá como o terreno era pouco, eu fui trabalhando ele foi trabalhando, o J. foi trabalhando, juntando dinheiro, juntou dinheiro dae comprou, dae compreemos esse terreno aqui, só que lá ficou o terreno, foi guardando assim vendia milho, porco, e foi guardando o dinheiro, foi guardando a gente malmente dava assim, comprava o que precisava só né, até que juntou dinheiro dae foi comprado aqui esse terreno aqui, dae foi comprado, dava metade de entrada e metade pagando por ano né. “GIRASSOL”

A família teve que fazer alguns sacrifícios para conseguir comprar um terreno maior e, assim, construir sua casa, como relata “Girassol”:

Aqui foi feito a casa não tinha nada, era somente a terra, dae como o Santini era uma pessoa que se criou-se junto com a família, ele tinha serraria tinha tudo, então era uma pessoa como se fosse um pai, ele cedeu a madeira para nós fazer a casa, não tinha nada somente o mato, dae que foi construído a casa, primeiro foi feito um paiol como dizem, uma casa assim, depois de uns 2 anos, 3 anos que foi construído uma casa ali... esse Santini. “GIRASSOL”

No relato da matriarca, podemos observar que seu vizinho, Santini, teve fundamental importância para que a família conseguisse construir sua primeira casa,

na nova propriedade, ela frisa muitas vezes o nome dele, reforçando que sua ajuda foi fundamental, e que é grata.

Mas, quanto aos filhos? “Cada 2 anos tinha um, às vezes, passava né, às vezes, vinha antes de 2 anos, se criaram naquele bandinho, escadinha.”

“Girassol” sempre trabalhou em casa, fazendo comida para sua família e seus camaradas da roça, serviço era o que não faltava, segundo ela:

Direto às vezes até 11 horas da noite. [...] Tudo na casa pão, broa né, fritava carne de porco, ah aquele tempo tenho saudade daquela época, era tão bom a gente não se apurava porque as carnes eram tudo já frita, só pegava aquela carne ponhava pra esquentar na panela, pedacinho pequeno tudo cortadinho, ponhava na panela deixa escorrer aquela banha e umas gotinhas de água, a comida era bem mais prática antigamente, parece né não sei. “GIRASSOL”

É notável que, mesmo que trabalhasse muitas horas por dia, “Girassol” sentia prazer e felicidade em cozinhar para seus familiares e, ainda, argumenta que aquela comida de era mais saudável e saborosa, ou seja, “Girassol” tem orgulho de seus afazeres, assim como de seu trabalho, relata saudades e destaca que, as coisas mudaram muito, até mesmo a alimentação é diferente.

“LÍRIO”

O filho mais velho, “Lírio”, tem 62 anos, como filho mais velho foi o primeiro a aprender, desde criança, a trabalhar com os afazeres da terra, de certa maneira, na tradição camponesa, esse papel fica incumbido ao filho mais velho.

Naquele tempo a 50 e pouco anos atrás, era completamente diferente de hoje né, a gente estudava e trabalhava, então normalmente no começo era serviço caseiro, descascava milho, cortava lenha pra mãe ajudava o pai a tratar criação, e estudava as tarefas de casa, dae depois quando já foi ficando mais com uns 12, 13 anos, já começou a fazer pequenos serviços na roça, e depois aí foi trabalhando. Sempre trabalhei em casa. “LÍRIO”

Segundo seus relatos, mudou-se somente uma vez, do Cerro para o Guaçatunga, casou-se, em 1981, e ficou morando na mesma propriedade. Depois de cinco anos de casado, teve o primeiro filho, após mais cinco anos, o segundo filho, e o terceiro, que não estava planejado, nasceu há 8 anos.

“Lírio” é uma pessoa reservada e não relatou muito sobre sua trajetória. Ele se manteve no trabalho da agricultura e ficou incumbido de cuidar de sua mãe, sendo que “Girassol” mora com ele, desde que o marido faleceu.

“MARGARIDA”

A filha mulher mais velha, “Margarida”, tem 60 anos. Agricultora que tinha o sonho de ser enfermeira, e gostaria muito de ter estudado mais, porém, naquela época, permanecer estudando não era fácil, como ela nos relata:

E dae nós oh cedo vinha saia com geada, cinco e meia quinze pras seis nos saia eu e a “ROSA”, se veja como que era as coisa as vezes nos pegava carona e tinha uns caminhão dos Delegrave que era conhecido nosso sabe, então tanto faz as vezes cedo, cedo era difícil pega, mas meio dia hora nos tava saindo era horário que eles passavam, nos pegava subia na carroceria nem na cabine não ia, quando tava chegando perto lá ele já sabia o ponto, já deixavam nos pulava brigado e ir embora e não tinha nem roupa e guarda pó era de saco, nem calçado tinha e dae se pegava carona chegava antes, comia um pouquinho, jogava, não tinha luz, tinha que fazer os deveres a noite e eu era assim, sempre tirei nota boa, porque eu queria ter um diploma sabe, eu tenho tá guardadinho meu diploma de quarta serie, porque o pai dizia assim vocês se virem se vocês quiserem diploma e era assim, se reprovasse azar não ia mais, tinha que se dedicar e fazer das tripas coração, e depois eu falava com o pai que queria ser uma enfermeira, mas eu adorava assim cuidar dos outros sabe. E dae chegou um vendedor que vendia esses quadro sabe de Pato Branco, mas eu fiz uma choradeira, porque o homem convidou pra mim ir sabe, te dou estudo te dou tudo, era um casal que vendia sabe, te dou estudo tudo, ah eu vou, catei umas roupinhas na sacola, ade que o pai deixou, não conhecia né, dae eu chorava na verdade na pratica eu sou uma enfermeira né de tanto cuidar e até hoje tenho uma paciente ai. Eu disse se eu pudesse trabalhar de voluntaria ajudar os outros era coisa mais feliz da vida. “MARGARIDA”

“Margarida” expõe sua vida com muita emoção. Tinha um sonho que foi interrompido, não conseguiu ser enfermeira, mas, segundo ela, mesmo não possuindo diploma é enfermeira de sua filha mais nova que tem Paralisia Cerebral. Assim como seus irmãos, “Margarida” sempre ajudou nos afazeres da casa e da roça, desde a infância, “Eu trabalhei na roça desde idade, acho que de uns 7 anos, 8 anos já tinha que ir para roça, dae que nois viemos para cá e me casei com 18 anos.”

Nas falas de “Margarida”, fica evidente que ela é uma pessoa muito sensível que queria cuidar do próximo e receber mais carinho e atenção de seu pai, trilhar um caminho diferente da vida no campo.

Até 13 anos, até 13 anos eu fiquei lá dae depois se mudemos prá cá. O pai comprou um terreno melhor e dae quando nós descimo aqui para o Guamirim para nós era um cidade sabe..lá não tinha nada lá tinha né.. a gente começou amizade com os vizinhos.. dae aprendeu assim era de segunda sábado na roça e se não tinha um porque né. Hoje ainda falam que é o dia do abraço né, eu pensando assim nunca recebi um abraço do pai, ele nunca olhou pra mim e disse eu te amo, só que assim ele fazia tudo

nunca deixou faltar nada, nunca é assim se tava doente ele corria, nunca deixou faltar nada, era assim ele era bem rígido sabe, que um olhar você, eu nunca tomei um tapa dele. “MARGARIDA”

Após seu casamento continuou a trabalhar com os afazeres domésticos e da terra. Criar os filhos não foi fácil, passou por algumas dificuldades, porque não possuíam muitos recursos financeiros, como argumenta:

Xiii, a D²². com N²³. são um ano e oito, nove meses de diferença, então são pequeninha, então eu assim, tive né, porque não tinha roupa né, não tinha roupa para eles mas a sogra costurava, né sogra que cuidou deles. A N. com 45 dias, tinha que planta feijão e tinha que ir para roça, porque não tinha o recurso, não tinha outra escolha.” “Já veio a Cintia com paralisia antes de nascer, já foi bem complicado porque a Cintia saiu do hospital sem roupa, inhada em uma blusa.

“Margarida” relata uma vida mais dura, com muitas dificuldades, enfrentadas por ela com muita garra e determinação, de certa maneira, por ser mulher e por não possuírem muitos recursos financeiros, não realizou seu sonho de se formar, mas a vida lhe atribui essa função do cuidar, pois, até hoje, cuida de sua filha deficiente.

“ROSA”

“Rosa”, 58 anos, agricultora, falou pouco de sua trajetória. No momento da entrevista, estava mais apreensiva, pois chegamos de surpresa à casa dela. Começou a trabalhar na roça, desde “Quando a gente era pequeno até os 7 anos a gente brincava né, dae depois a gente ia pra aula voltava, ia pra roça, porque já dos 10 anos em diante naquele tempo estudava meio período e meio já ia pra roça, estudei até a quarta serie depois já parei”.

Igual a seus irmãos, iniciou suas atividades com agricultura, desde a infância, casou-se com 20 anos e teve o primeiro filho, após dois anos. Residiram por um tempo em outra propriedade, mas, atualmente, são vizinhos de sua mãe e irmãos, e sobrevivem do trabalho com a agricultura.

“HORTÊNCIA”

“Hortência”, 56 anos, auxiliar administrativo aposentada, a única filha de “Girassol” que resolveu sair do campo e estudar no perímetro urbano. Tem boas

²² D. é a primeira filha de “Margarida”.

²³ N. é a segunda filha de “Margarida”.

lembranças da infância, mas sua vida foi reorganizada, a partir da adolescência. Diferentemente de seus irmãos, concluiu os estudos e seguiu outra profissão, como relata. Teve uma infância igual aos demais irmãos.

Do que eu me lembro da minha infância eu acho que tinha uns 6 anos ou menos, nossa bem menos, quando nos morava lá no Cerro do Leão ainda, eu estudava ali no Cerro do Leão, a gente vinha a pé para a escola, e brincava bastante né, brincava pro mato, pras arvores e ajudava em casa já desde pequeninha porque, água de uma barroca para um poço nos trazia, nos baldinho as chaleiras de água para a mãe, ia lava as roupas lá para barroca aonde tivesse água porque lá era muito difícil de água também né, então eu lembro que eu ia tanto com a mãe da D., da E. quanto com a minha outra irmã né, nós ia para as barrocas lá lavar roupa né, e era assim do inicio dae depois que a gente se mudou-se ali para o Guamirim, dae mesma coisa eu vinha estuda ali nas irmãs nas freiras né. “HORTÊNCIA”

Sua adolescência foi diferente do trabalho na roça, “Hortência” se mudou para o meio urbano, a fim de estudar mais.

Eu vim pra cá (Iratí), eu ia estudava fiz o ginásio no Guamirim, estudava até meio deia depois do almoço ia pra roça né, era assim dae eu vim pra cá, eu vim mora com uma professora, acho que fiquei 2 meses com essa professora, e dae sai e já entrei nossa no antigo Glinski, mercado trabalhar de caixa, trabalhei 2 meses, dae sai e entrei na Fosforo, porque na Fosforo eu ganhava mais, porque eu era de menor e o Glinski pagava meio salario, e a Fosforo pagava 75%, né ate completa 18 anos, era mais e como eu pagava a pensão e tinha que me virar com as coisas. “HORTÊNCIA”

Após 3 anos de estudo, “Hortência” concluiu o segundo grau se casou “Em 83, eu vim em 81 pra cá, inicio de 81 e em 83 eu terminei o segundo grau e casei. Dali 2 anos a E²⁴ nasceu.”

Apesar de concluir os estudos e fazer curso técnico, “Hortência” tinha o sonho de ingressar na universidade, porém, não conseguiu realizar esse sonho, devido ao pensamento da época de que a mulher não precisava estudar e nem trabalhar, conforme argumenta:

Aí eu não tive a oportunidade ai eu lembro que eu cheguei a fazer a inscrição para o vestibular ai tanto o meu marido quanto a minha sogra, nossa eu nunca esqueço, porque da família, as noras da minha sogra só uma do Rio Azul que trabalhava e eu que trabalhava, as outras nenhuma, então tipo assim nos era as ovelhas negra né, porque mulher naquela época não podia trabalhar sabe, tinha que ficar em casa cuidando de casa dae nossa, se estudar então nem pensa, então dae eles de pressionaram e não deixaram, e dae eu acabei não fazendo faculdade mas eu lembro que eu cheguei a chorar sabe o dia que saiu o resultado do vestibular sabe,

²⁴ E. primeira filha de “Hortência”.

porque todas as minhas amigas passaram, e eu acabei não fazendo, nossa eu me arrependo muito sabe. “HORTÊNCIA”

“Hortência”, uma das filhas de “Girassol”, que relatou mais sobre sua vida e percepções, por ter tido a oportunidade de sair do campo e estudar um pouco mais que seus irmãos, realizou-se fora da vida na agricultura. No entanto, atualmente, mora em um sítio no perímetro urbano.

“VIOLETA”

“Violeta”, a última filha mulher de “Girassol”, 54 anos, agricultora, filha que voltou a morar na primeira casa da família, no Cerro do Leão. Comenta que os marcos da infância são relacionadas a ajudar a família.

Eu aqui do Cerro tenho pouca lembrança sabe, porque na verdade fui com 6 anos lá para o governador sabe. Tenho lembrança da mudança, lembro que era em caminhão aberto, eu queria ir em cima do caminhão tive que ir embaixo eu e o “CRAVO”, que fumo, assim da tipo da mudança mesmo eu lembro da nos fumo mora pra lá. [...] Na casa nós tinha que trabalhar, me lembro ainda no primeiro natal eu ganhei um corte de vestido e dae a mãe disse fique boazinha e me ajude nos serviços tudo, junta cavaquinho, eu varria né o que ela mandasse eu fazer dae que eu ganhava uma boneca. Naquele tempo, hoje o tempo passa muito rápido, mas naquele tempo demorava de um natal no outro né... e dae eu ganhei a tal boneca, casei e trouxe a boneca ainda, pra cá foi a C.²⁵ que estragou minha boneca, foi a minha filha. “VIOLETA”

Em seus relatos, fica claro que os afazeres da casa, faziam parte de sua rotina, e, com sacrifícios e trabalho batalhavam por aquilo que queriam, mesmo com a perda do marido, conseguiu criar seus filhos e sobreviver. “Em 86, voltei para cá, mora aqui. Eu casei dae tive os 3 filhos, dae a C. tava com 13 anos, o M²⁶. com 9 e Mt²⁷. com 5 meu marido faleceu eu fiquei só com eles.”

“Violeta” ficou sozinha e precisou criar seus filhos da maneira que podia, como relata

Na lavoura, roça, nós tamo até agora, foi assim sabe dinheiro a gente não tinha, eu fui trabalhando e eles também foram me ajudando, ate que a C. foi para Guarapuava estudar, ficou um ano e meio lá voltou e foi para Curitiba com o M. e eles tão lá, mas ai eu fiquei com Mt. e tá ate agora, eu e Mt. samo da roça, O M. e a C. já tão lá. “VIOLETA”

²⁵ C. filha mais velha de “Violeta”.

²⁶ M. filho do meio de “Violeta”.

²⁷ Mt. filho mais novo de “Violeta”.

Observamos, nas falas de “Violeta”, que ela passou por algumas dificuldades, após falecimento de seu marido, mas conseguiu, com o auxílio dos filhos e o trabalho na terra, superar. Também, obteve ajuda de seus familiares.

“CRAVO”

“Cravo” o último filho homem de “Girassol”, como diz ela: “comecei com homem e terminei com homem”. No dia das entrevistas, “Cravo” estava trabalhando com o cultivo de fumo, dessa maneira sua esposa, nomeada de “Tulipa”, que aceitou participar da entrevista. Segundo a esposa, “Cravo” sempre morou com a família, na propriedade do Guaçatunga, casou-se com ela, em 1990, e tiveram a única filha do casal, em 1993. Trabalham com o plantio de fumo e moram ao lado da casa da matriarca.

Essas são as trajetórias da matriarca e seus filhos, atores principais desta dissertação. A família é grande, mas, no momento da pesquisa, as entrevistas foram realizadas com esses camponeses, que, mesmo fazendo parte de uma família, apresentam algumas percepções variadas, como veremos nas discussões seguintes.

2.2 A CRIAÇÃO DOS FILHOS

Nos trechos, a seguir, iremos explorar quais foram as vivências que “Girassol” e seus filhos tiveram sobre a criação dos filhos deles. Nota-se que as pessoas mais velhas têm uma forte influência e desempenham papel de destaque, indicando e auxiliando nesse processo, como é o caso da mãe de “Girassol”. “A minha mãe como ela era uma pessoa mais assim já de idade, ela orientava né, que sempre uma mãe tem que orientar os filhos né, é que nem uma professora ensina as crianças na escola, um vai passando para o outro, ensinando né.” “GIRASSOL”

Os saberes das avós estão imbricados na cultura de criar os filhos, elas desempenham um papel de destaque e, no caso de “Girassol”, há mais de 60 anos, sua mãe também teve esse papel.

A minha mãe era viva ela morreu na casa junto comigo aqui, morreu aqui comigo, portanto quando eu tive o “LÍRIO” ela veio ali e ficou dae comigo, acho que uns 15, 20 dias ela ficou junto comigo. Mas assim ela vinha porque ela morava lá no Cerro, não posso dizer ela vinha, lavavam roupa pra mim né, eles vinham faziam os serviços, faziam pão, a minha mãe

sempre ajudava né a sogra também ela era muito doentia parava muito no hospital, então com ela a gente não podia contar muito, ela parava maior parte no hospital, era muito doentia. Dae esses negócio de pão na minha dieta o falecido J²⁸. fazia, ele ajudava, ele amassava pão, ponha fogo no forno né tirava aquele sábado depois do meio dia, então era feito pão para a semana inteira, trigo era crioulo, assava no forno grande, ele ajudava né, ele ajudava amassar colocava na forma, fazia fogo só ia ver a temperatura né, mas depois por diante já pegou prática. “GIRASSOL”

Além da ajuda de sua mãe, “Violeta” teve, ainda, a colaboração de sua sogra, conforme argumenta:

Pois a sogra aqui, dessas bem antiga sabe, ela que exigia a gente tinha que obedecer ainda, aham senão brigava com a gente, a por exemplo tivesse em dieta, deus livre sair para fora assim de noite, tá tomando banho ela não queria que tomasse banho e dae comer comida era só comida *liviana*, pois ela queria que fizesse uma dieta mesmo. “VIOLETA”

Além das orientações quanto à criação dos filhos, as avós auxiliam nos afazeres de casa. Sabemos que a mulher do campo tem muitos afazeres domésticos, uma vez que tudo é produzido em casa e a ajuda da mãe ou sogra era de muito valia, pois, no período de dieta²⁹, não se podia fazer o serviço pesado. De acordo com relato acima, as mulheres mais velhas têm essa percepção que, no período de dieta, não se pode fazer quase nada até mesmo tomar banho “lavar cabelo”, se resfriar e a alimentação precisa ser leve ou *liviana*, segundo expôs “Violeta”.

Referente ao parto, “Girassol”, suas filhas e noras tiveram vivências distintas, para algumas, o parto foi normal e rápido, já, para outras, parto cesárea e com complicações, como observaremos nos relatos a seguir. “Na casa, todos eles parto na casa, naquele tempo tinha as parteiras né, todos eles era parto na casa, mas eu era muito rápida sabe assim, não era aquela que ficava sofrendo não.” “GIRASSOL”

“Girassol” teve todos os seus filhos em casa com a ajuda de parteiras, que era o mais comum naquela época, já “Margarida” não, teve seus filhos nos hospitais, com algumas complicações.

Só da N. já tive hemorragia, do A³⁰ também dae depois levei um tempão para ter o A., acho que oito anos, nem sei quantos anos, 7 anos coisa assim para ter o A. e dae do A. eu tive hemorragia muito forte dae o médico

²⁸ J. esposo falecido de “Girassol”.

²⁹ Período de 40 dias após o parto, onde a mulher deve se resguardar comendo alimentos leves e não erguendo peso ou fazendo esforço físico.

³⁰ A. terceiro filho de “Margarida”.

chegou e chamou o NI³¹. e disse assim tem que fazer laqueadura ele chegou lá no hospital e falei fazer laqueadura, dae o medico falou assim não tem volta, mas sabe é particular, dae nos tinha pai veio vendeu feijão até, dae a N. que ganhou a primeira caminha e o A. ganhou um bercinho mais mior né, mior não de madeira assim, porque da N. se desmanchou, porque era muito ruim era o que nós podia comprar. “MARGARIDA”

Os partos de “Margarida” não foram fáceis, teve hemorragia e precisaria realizar uma laqueadura, para isso necessitava de recursos financeiros, que foi cedido por seu pai que vendeu o feijão que a família dispunha para ajudar a filha, mostrando, assim, a união familiar e cuidado com os filhos. “Margarida” comenta que, naquela época, em que seus filhos eram pequenos, eles tinham pouco dinheiro, mas, aos poucos, isso foi melhorando e conseguiram comprar camas melhores para os filhos.

Assim como “Margarida”, “Hortêncina” também teve complicações em seu parto.

Então o parto da E. foi cesárea até porque, eu não podia ter parto normal, tinha aquela bacia de homem que dizem, inclusive passou uma semana ela começou a nascer bem preta já, e dae eu tive complicações após a cesárea, eu tive o rompimento, ficou um veinha sem cauterizar e foi para a artéria, deu hemorragia, ai foi assim uns 40 dias, 2 meses bem complicado, bem complicado né, mas eu fiquei em coma 24 horas, fiquei na UTI, fiquei em coma, foi bem difícil da primeira foi bem complicado. “HORTÊNCINA”

O parto é um momento singular para cada mulher, muitas vezes idealizado e planejado, no entanto, pode acontecer de maneiras variadas, afastando-se daquilo que possam ter imaginado, conforme ocorreu com duas filhas de “Girassol” que tiveram hemorragia e complicações no parto, que as marcaram muito. Já “Girassol” teve seus filhos em casa com ajuda de parteira e sem complicações.

Após o parto, as mulheres têm muitas atribuições, além das atividades maternas, devem voltar ao trabalho. A rotina muda com o nascimento do filho, até mesmo o sono fica diferente, e, muitas vezes, os filhos mais velhos desempenham a função de cuidadores de seus irmãos.

“Violeta” teve a ajuda da sogra, no cuidado com os filhos, em razão de que tinha que retornar ao trabalho e, depois os filhos mais velhos cuidavam dos caçulas.

Sim trabalhava e depois ganhava ia, a C. veio foi a sogra com a cunhada que cuidavam dela e os pia dae do M. nasceu em maio dae não fui só no

³¹ NI. marido de “Margarida”.

tempo de inverno na roça e depois eu deixava com ela, ela cuidava e Mt. foi a C. que cuidou, criança cuida de criança. "VIOLETA"

A sogra de "Violeta" estava presente, na fase em que sua primeira filha nasceu. Como ela ainda não tinha a experiência da maternidade, seguia as orientações da sogra que comentava que o seu sono ia ficar mais leve "livianinho", durante a noite, e ela iria perceber até mesmo a respiração do seu bebê. "Não ela falava assim você pode cuidar, você quando tiver um nenê vai mudar teu sono vai ficar livianinho, que você vai escutar a respiração do nenê, dito e feito eu escutava a respiração deles, como ficavam respirando." "VIOLETA". Essa expressão livianinho, assim como a fala de sua sogra, tranquilizaram "Violeta" que se sentiu mais segura para com os cuidados de sua filha.

"Margarida" também retornou aos trabalhos com a terra muito cedo, logo após o fim da dieta "A N. com 45 dias, tinha que planta feijão e tinha que ir para roça, porque não tinha o recurso, não tinha outra escolha." "MARGARIDA". Isso porque tinha que ajudar seu marido no plantio, uma vez que, não tinha outra pessoa para realizar esse serviço.

No caso de "Rosa", ela cuidou do primeiro filho sozinha, já com os demais, os filhos mais velhos eram quem cuidavam dos menores, para que ela pudesse retornar ao trabalho.

Amamentei até dois anos mais ou menos, amamentei, eu cuidei deles sozinha, ele ajudava né (marido), dae depois quando já nasceu a A. que é a terceira, dae depois quando ela tinha 6 meses a mais velha cuidava dele pra mim ir para roça, eu vinha lá da roça para amamentar ela."ROSA"

Para essas mulheres, a criação dos filhos foi baseada naquilo que os mais velhos lhes repassavam e, muitas vezes, eram suas mães e sogras que criavam seus filhos, devido logo terem que voltar ao trabalho, e, se já tinham filhos mais velhos, esses eram incumbidos de cuidar de seus irmãos. No campo, a mulher espera somente o período de 40 dias da dieta, depois volta a trabalhar, pois, como possuem poucos recursos, o seu trabalho é de fundamental importância, e não pode ser substituído.

No quadro 1, evidenciamos quais são as principais influências que interferem na criação dos filhos. Cada quadro está dividido em três categorias: Cuidado e orientação de mães/sogras, volta ao trabalho como uma necessidade x cuidado; cuidado terceirizado a irmãos mais velho.

QUADRO 1. INTERPRETAÇÕES DAS NARRATIVAS DAS PARTICIPANTES EM RELAÇÃO À CRIAÇÃO DOS FILHOS.

Cuidado e orientação de mães/sogras	<p>“A minha mãe como ela era uma pessoa mais assim já de idade, ela orientava né, que sempre uma mãe tem que orientar os filhos né [...]” “GIRASSOL”</p> <p>“Pois a sogra aqui, dessas bem antiga sabe, ela que exigia a gente tinha que obedecer ainda, aham senão brigava com a gente [...]” “VIOLETA”</p>
Volta ao trabalho como uma necessidade x cuidado	<p>“[...]tinha que planta feijão e tinha que ir para roça, porque não tinha o recurso, não tinha outra escolha.” “MARGARIDA”</p> <p>“Sim trabalhava e depois ganhava ia [...]” “VIOLETA”</p>
Cuidado terceirizado a irmãos mais velhos	<p>“[...] e depois eu deixava com ela, ela cuidava e Mt. foi a C. que cuidou, criança cuida de criança.” “VIOLETA”</p> <p>“[...] dae depois quando já nasceu a A. que é a terceira, dae depois quando ela tinha 6 meses a mais velha cuidava dele pra mim ir para roça, eu vinha lá da roça para amamentar ela.” “ROSA”</p>

Fonte: A autora com base nas entrevistas (2020).

A criação dos filhos para a mulher do campo, muitas vezes, não é um processo vivenciado somente por ela e seu marido, outros familiares fazem parte desse momento, por exemplo, as mães e, principalmente, sogras, que, além de ofertarem orientações, auxiliam na prática. Os irmãos, também, desempenharam esse papel, sendo isso justificado pela volta precoce da mãe ao trabalho ou aos afazeres da terra.

A mulher do campo tem muitas atribuições, dentro e fora de casa, é por esse motivo que, logo após o parto, já tem que retomar suas atividades, uma vez que esse trabalho é voltado para a família, conforme (TEDESCO, 1998, p. 207-208):

Roçar capoeira, plantar milho, colher, fazer queijo, aprontar o pasto, cuidar dos bichos arrumar a horta e a casa, fazer comida, lavar roupa, cuidar das crianças, plantar as miudezas e colher, né, ver o que falta pra casa (...), ajudar carregar saco, porco, frango (...)” formam a experiência vivida das atividades e da identidade de gênero no meio familiar do colono. O trabalho em ateliês e em casa mesmo insere-se nesse processo. As escolhas afetivas enquadram-se nesse espaço estratégico e instrumental. Arrumar, limpar, lavar, remendar, também comprar, preparar e conservar comida, governar a casa, receber, gastar, poupar, distribuir entre os filhos, contrair dívidas, enfrentar credores e devedores, orientar com pericia o trabalho das crianças e adolescentes, cuidar da saúde, etc., expressam a dispersão e um

leque variado de atividades da mulher dentro e fora de casa, o que manifesta a interligação profunda entre trabalho e família.

Dessa maneira, a presença feminina está ligada à economia rural, marcada pela divisão do trabalho “que se manifesta na concentração de atividades voltadas para o autoconsumo familiar, realizadas como extensão dos cuidados com os filhos e demais membros das famílias.” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

Assim, na criação dos filhos, essas mulheres partilham da ajuda das avós, como observamos nos relatos acima, sendo que

As avós são cuidadoras significativas no âmbito familiar. Cuidam dos membros da família, principalmente de suas filhas e noras na fase puerperal. Transmitem seus conhecimentos e sua cultura, são valorizadas e respeitadas por sua experiência e vivência, especialmente nos cuidados com os recém-nascidos. (TEIXEIRA, et al, 2006, p.99).

Na família, *corpus* da pesquisa, as avós, sejam elas mães ou sogras, tiveram destaque e auxiliaram as filhas/noras, nos cuidados com os filhos. “Rosa”, nas falas acima, comenta que sua sogra a auxiliou muito com orientações e prática sobre a maternidade, “Girassol” também teve ajuda da sua mãe que ofertava orientações às filhas daquilo que tinha vivenciado acerca da maternidade. Fica nítido, em suas falas, que as vivências de pessoas mais velhas são de grande valia para os cuidados com o recém-nascido.

O conhecimento intergeracional se faz presente nessa família, pois todas as mulheres argumentaram que receberam ajuda de pessoas mais velhas, na criação de seus filhos, sendo muito precioso para o momento que estavam passando, muitos costumes e modos de como cuidar de seus filhos são repassados, ressaltando que, às vezes, nem tudo é acatado, mas as mulheres do campo ainda ouvem e praticam aquilo que suas mães/sogras dizem.

2.3 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO

Como argumentei, desde o início desta dissertação, a educação é um ponto importante para essa família, visto que sua matriarca sempre incentivou os filhos a estudarem, mesmo em meio a dificuldades, já que ela enfrentou dificuldades e não teve oportunidade de concluir os estudos.

Então ali naquele tempo não existia professor, a não existia escola, portanto que meus irmãos, eles aprenderam a ler um pouquinho porque tinha um caligrafista que ensinou eles aos domingos. Então não existia escola tanto eu como minhas irmãs, ninguém sabia o que era uma sala de aula, não tinha depois quando eu peguei uma idade de mais ou menos 11, 12 anos dae os meus pais achavam que eu tinha que estudar, para um pouco na casa de uma tia minha, na barra do gavião. dae ali tinha catequese, porque lá não tinha catequese também, não tinha igreja também, era difícil sabe. Dae meus pais colocaram eu na barra do gavião na casa de uma tia, pra mim andar na escola. dae eu andei um mês na escola até eu aprender a catequese, depois fui embora, dae ade querer ficar pois eu era a última da casa, era muito acocadinha³², dae ade eu querer ficar, pois o pai ah deixe que fique coitadinha, ei eu fiquei. “GIRASSOL”

“Girassol” não frequentou a escola porque, naquela época, não existiam escolas perto de sua casa, e seus irmãos aprenderam com um caligrafista a escrever. Quando ela já estava um pouco maior, deslocou-se até a casa de uma tia para estudar, mas ela optou por retornar à casa dos pais e não estudar mais. Porém, até hoje, sofre por não ter sido alfabetizada, conforme conta:

Eu to sofrendo até agora porque eu só dependo dos filhos portanto que meus filhos todos eles estudaram, todos eles são estudados, tudo aprendeu graças a deus, mas você também pode ter brigado porque as vezes tinha preguiça de levantar cedo, nos morava aqui estudar no guamirim, era estudado lá. Pois é tudo apé, depois arrumaram uma escolinha ali encima no governador ali que abriram aquela escola, foi uma benção aquilo lá, porque ai depois já tinha mais escola, dae a ultima menina minha, ela mora ali, ela já acabou estudando ali, dae já foi pros netos, estudaram ali na marlene ali sabe, você conhece. Então eu falo eu não sou cega porque graças a deus eu enxergo, mas não adianta eu ver ne, então eu por duas vezes tomei na cara, mas ali tá escrito porque a senhora não lê lá, eu to vendo graças a deus eu enxergo, mas não sei o que que é, então não é fácil mas vai vivendo, com a graça de deus a gente vai os filhos ajudam, neto e os de fora hoje em dia tem mais aquele amor né.. eu sou muito bem cuidada deus livre. “GIRASSOL”

“Girassol” relatou, com muita emoção, o quanto a educação foi e, ainda, é importante, porque sem saber ler e escrever sempre dependeu da ajuda dos outros. Reforçou muito esse ponto de estudar e ir à escola, uma vez que sabia que a pesquisa envolve estudos, e é fundamental para você ser quem você quiser. Nas suas falas, fica notável que “Girassol” tem orgulho de seu trabalho no campo, mas, se tivesse estudado, poderia ter trilhado um caminho diferente.

A partir desse pensamento seus filhos e netos foram aprimorando seus estudos, a maioria dos netos não reside mais no campo e exercem variadas profissões. Grande parte dos filhos de “Girassol” concluiu o ensino básico, como observamos nas falas abaixo:

³² “Acocadinha” ser mimada segundo Girassol por ser a filha mais nova.

Fui, como diziam o primário né, 4 anos eu só sei ler e escrever mas o simples alguma palavra difícil assim que não consegue pronunciar. "VIOLETA"

Siiim.. Todos eles foram eu tinha, andei 5 quilômetros para estudar, andei 5 cedo e 5 meio dia eu tirei quarta série, terceira e quarta série tudo na Água Clara [...] "MARGARIDA"

[...] naquele tempo estudava meio período e meio já ia pra roça, estudei até a quarta serie depois já parei. "ROSA"

Os filhos de Girassol conseguiram concluir apenas os ensinos primários, segundo os relatos acima, a escola era longe de casa e eles iam andando, às vezes, ganhavam carona no meio do caminho mas a maioria das vezes caminhavam muito, nem mesmo material escolar tinham e, mesmo estudando, tinham que ajudar nos afazeres da casa, o que tornava mais difícil dar continuidade aos estudos.

Somente "Hortência" conseguiu estudar mais que seus irmãos, mas, isso, ela conseguiu porque tinha a saúde mais frágil e o seu único propósito era estudar, todavia precisou enfrentar alguns obstáculos e fazer sacrifícios para concluir seus estudos.

Pra estudar, estudar mesmo, eu fui a única que vim fazer segundo grau para cá, até porque eu tinha reumatismo né, desde de pequena, dae eu já era muito fraca e minha loucura era estudar, eu tinha loucura por estuda, tinha loucura, eu adorava estudar. É não sim, eu vim pra cá, eu ia estudava fiz o ginásio no Guamirim, estudava ate meio dia depois do almoço ia pra roça né, era assim dae eu vim pra cá, eu vim mora com uma professora, acho que fiquei dois meses com essa professora, e dae sai e já entrei nossa no antigo Glinski, mercado trabalhar de caixa, trabalhei dois meses, dae sai e entrei na Fosforo, porque na Fosforo eu ganhava mais[...] Terminei aqui, fiz técnico em contabilidade dae depois eu fiz é técnico em administração empresarial, mas ai eu fiz pelo fiz no Sesi, eu ia três vezes por semana sabe, já era mais on-line assim, mas eu fiz técnico em administração. "HORTÊNCIA"

Na segunda geração da família os filhos de "Girassol", não tiveram tantas oportunidades de melhorar sua educação, estudaram mais que ela, no entanto, somente uma filha dela conseguiu concluir os estudos, porém, na terceira geração, esse quadro já começa a mudar.

"Margarida" ofertou a oportunidade de estudo para todos os seus filhos, porque vivenciou como não é fácil não ter estudos e continuar o trabalho sofrido na roça, dessa maneira compreende que a educação pode trazer boas oportunidades e melhorar a qualidade de vida.

A parte já dos meus filhos eles já sofriam menos do que eu, muito menos, e oportunidade de estuda demos oportunidade e falemos se vocês jogarem

no lixo vocês vão sofrer a gente não teve isso e dando pra vocês, tanto faz para N. quanto pra D. foi assim, a D. e N. fizeram lá um pouco e não escutaram muito, mas o A. sim, o A. foi firme e tá até hoje ele tá bem, elas não, tão sofrendo um pouco mais, mas nos demos a oportunidade para todos eles, se a C. pudesse e a oportunidade que ter pra ir ela tá indo, tudo que nos alcance brigamos fazemos de tudo por ela, o que nos não tivemos eles nos demos, só que uns aproveitou outros não. "MARGARIDA"

Os filhos de "Violeta" também tiveram a oportunidade de estudar mais que sua mãe. Ela comenta:

Estudaram os pias tiraram até o segundo grau e a C. fez faculdade, eles que nem eu falo pro M. tinha que fazer um curso, fazer algum estudo, ele diz pro meu serviço não precisa eu tenho os centímetros e milímetros tudo na minha cabeça, não quer estuda, ta lá com aquele medida e ele sabe, se ele vai em uma casa e fulano diz comprei tal armário, ele olha e diz pra mim ele comprou mas ta tudo torto, engraçado que ele acha defeito e o Mt. ele ta na roça. "VIOLETA"

A maioria dos netos de "Girassol" fizeram curso superior e, como seus pais relatam, deram oportunidades para que eles pudessem estudar mais, a matriarca e seus familiares se sentem muito orgulhosos por falarem da profissão que seus filhos e netos exercem, mesmo não estando mais no campo, as outras profissões são uma forma de superação.

No quadro 2, separamos as falas em três categorias, evidenciando: As dificuldades que fizeram desistir dos estudos x superação; a importância de se ofertar a oportunidade de estudar; o orgulho dos pais pela formação dos filhos.

QUADRO 2. INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS DOS PARTICIPANTES COM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO.

<p>As dificuldades que fizeram desistir dos estudos x superação.</p>	<p>Dae meus pais colocaram eu na barra do gavião na casa de uma tia, pra mim andar na escola. dae eu andei um mês na escola até eu aprender a catequese, depois fui embora, dae ade querer ficar pois eu era a última da casa, era muito acocadinha, dae ade eu querer ficar, pois o pai ah deixe que fique coitadinha, ei eu fiquei." "GIRASSOL"</p> <p>"Eu to sofrendo até agora porque eu só dependo dos filhos [...]" "GIRASSOL"</p> <p>"[...] naquele tempo estudava meio período e meio já ia pra roça, estudei até a quarta serie depois já parei." "ROSA"</p> <p>"Então ali naquele tempo não existia professor, a não existia escola [...]" "GIRASSOL"</p> <p>"É não sim, eu vim pra cá, eu ia estudava fiz o ginásio no Guamirim, estudava ate meio dia depois do almoço ia pra roça né, era assim</p>
---	--

	<p>dae eu vim pra cá, eu vim mora com uma professora, acho que fiquei dois meses com essa professora, e dae sai e já entrei nossa no antigo Glinski, mercado trabalhar de caixa, trabalhei dois meses, dae sai e entrei na Fosforo, porque na Fosforo eu ganhava mais[...]” “HORTÊNCIA”</p>
<p>A importância de se ofertar a oportunidade de estudar.</p>	<p>“[...] todos eles estudaram, todos eles são estudados, tudo aprendeu graças a deus, mas você também pode ter brigado porque as vezes tinha preguiça de levantar cedo, nos morava aqui estudar no guamirim, era estudado lá [...]” “GIRASSOL”</p> <p>“A parte já dos meus filhos eles já sofriam menos do que eu, muito menos, e oportunidade de estuda demos oportunidade e falemos se vocês jogarem no lixo vocês vão sofrer a gente não teve isso e dando pra vocês, tanto faz para N. quanto pra D. foi assim, a D. e N. fizeram lá um pouco e não escutaram muito, mas o A. sim, o A. foi firme e tá até hoje ele tá bem[...]” “MARGARIDA”</p>
<p>Orgulho dos pais pela formação dos filhos.</p>	<p>“Estudaram os pias tiraram até o segundo grau e a C. fez faculdade [...]” “VIOLETA”</p> <p>“Foram, são formados, só a mais velha que não fez faculdade, o pia é engenheiro florestal e a menina fez turismo.” “ROSA”</p> <p>“Sim, a E. é formada em Turismo pela Unicentro e fez pós em gestão de pessoas e RH em Guarapuava dae pela Unicentro, e a D. acabou de se formar em Direito.” “HORTÊNCIA”</p> <p>“[...] é formada, ela é pedagoga.” “TULIPA”</p>

Fonte: A autora com base nas entrevistas (2020).

A educação para essa família, perpassa por muitos sentimentos, alguns foram frustrados, por não conseguirem concluir seus estudos, deram a oportunidade para que seus filhos estudassem mais. Mas, um sentimento todos têm em comum de que a educação é essencial para todos e, por meio dela, suas vidas podem ser transformadas e melhoradas.

Os filhos de “Girassol” argumentam que não continuaram os estudos devido à algumas dificuldades, entre elas o trabalho na roça, uma vez que, os filhos dos camponeses ingressam cedo no trabalho familiar e tem uma aproximação entre trabalho e estudo, porém, na escola, somente se estuda e, muitas vezes, esses estudos não têm a ver com o trabalho que o camponês desenvolve. Dessa maneira, as crianças permanecem pouco tempo nas escolas, pois a escola não compreende

atividades práticas do trabalho do camponês com a terra (RIBEIRO, 2012). E, conforme observamos, os filhos de “Girassol” desempenham papel fundamental no trabalho familiar do campo, desde cedo.

Muitas vezes o camponês é visto como um produtor arcaico e ignorante, em relação aos conhecimentos escolares como matemática, leitura e escrita (RIBEIRO, 2012). Porém o conhecimento prático e de lida com a terra é muito mais valorizado, porque esse precisa trabalhar para ajudar no sustendo de sua família. Logo, o que vimos, na família “Flores”, é um pouco diferente, mesmo trabalhando com a agricultura, reconhecem a importância de se estudar mais, e, por isso investiram nos estudos de seus filhos.

Essa discussão sobre educação foi criada, uma vez que em quase todas as falas dos familiares o tema apareceu com muito sentimento, por muitos não terem estudado o tanto que gostariam e, por isso dependerem de outras pessoas, assim como por entenderem que a educação pode trazer muitos benefícios e ofertar oportunidades diferentes de vida, uma vida menos sofrida que a do campo.

A educação foi valorizada pela família, sendo que houve mudanças, ao longo dos anos, e as oportunidades de estudo ofertaram diferentes formações para esses familiares, assim como o dormir compartilhado, que é ressignificado nessa família, acontecendo de maneira variada entre as gerações. É essa modalidade de sono, que acontece na família “Flores”, que discutiremos no capítulo a seguir.

3 CAPÍTULO 3. O DORMIR COMPARTILHADO COMO HÁBITO FAMILIAR E FACILITADOR DO ALEITAMENTO MATERNO

Agora, passaremos a discutir o dormir compartilhado, mas, afinal, essa modalidade de sono acontece nessa família? Sim, de maneiras variadas entre as gerações. Assim, iremos explorar mais qual a percepção dessa família com relação a essa modalidade de dormir e como eles a praticam.

“Girassol” quando foi relatar esse assunto ficou confusa argumentando, primeiramente, que já realizava essa prática, em outros momentos não, como se tivesse medo de falar que realizava e isso fosse considerado errado.

Não até uns dias sim, depois tinha feito uma cama *deaparzinho* assim, só que minha cama era de apar assim, ponha cama de aparzinho, junto não, tinha medo, mas no mesmo quarto, só sentava para dar de mamar e trocar dae ponhava na caminha dele, eu tinha medo de morre afogado né. “a não a não” minha mãe sempre dizia: não me ponhe a criança junto, coitadinha ele encomendava muito ela era muito cuidosa. Então ela falava dae não, até quase uns 2 anos eles dormiam naquela caminha ali. “GIRASSOL”

Esse *deaparzinho*, na fala de “Girassol”, significa que seus bebês dormiam do lado dela, ou seja, essa expressão denota um cuidado e aconchego que eles estão ali do lado, não simplesmente dormindo, mas ela cuidando a todo o momento. Assim, fica claro que sua mãe não realizava a prática de dormir compartilhado, mas “Girassol” sim. Esse dormir junto começou a acontecer, nessa família, a partir de “Girassol”, sendo ressignificado por ela como algo bom.

A mãe de “Girassol” tinha uma visão de que dormir junto com o bebê poderia provocar a morte por sufocamento, dessa maneira, mesmo “Girassol” realizando essa prática, ficava receosa já que sua mãe falava que não se podia dormir na mesma cama, então, seus filhos dormiam ao lado da cama, em uma cama menor, “*deaparzinho*”, isso se estendia até quase os dois anos, e, essa maneira de dormir facilitava o aleitamento materno. Ressaltando que a casa onde a família morava também tinha poucos cômodos e, praticamente, todos dormiam ali juntos, no mesmo quarto, mas essa prática não era somente por não ter outros cômodos, mas sim pela facilidade no cuidado e aleitamento, segundo “Girassol”:

Sim, imagine né, ali só se virava, dormia e se acordava já, porque cansava de trabalhar né, e a gente dormia também, eles dormiam bem né, dae a gente só sentava na cama, acendia, porque naquele tempo nem luz não tinha era lampião né, vela né, acendia a vela no bidezinho lá, encima de um

pires no prato um morceguinho³³. Era junto só na cama ali não eu tinha medo, sempre minha mãe falava e a gente também já via outras conversas é muito perigoso coloca o braço encima, ponha né, corre risco né, bastante gente usa mas eu não, eu sempre pensava assim que não. “GIRASSOL”

O aleitamento materno é facilitado por dormirem no mesmo quarto, porque, devido ao cansaço do dia de trabalho, era mais prático amamentar, dormindo no mesmo quarto, assim como fácil de acordar e cuidar do lactente.

“Girassol” praticava o dormir compartilhado de uma maneira, pensando sempre naquilo que sua mãe orientava, mas essa prática é muito rica, foi iniciada por ela e transformada, ao longo das gerações, seus filhos o praticavam de maneira variada.

É o que acontece com “Violeta”, que praticou o dormir compartilhado com seus filhos pequenos, mas, depois que seu marido faleceu, essa prática voltou a acontecer devido ao medo de dormirem sozinhos:

Tinha o bercinho, mas no mesmo quarto. Gostava, porque cuidava deles né, e apesar depois que o A.³⁴ morreu quando eles ficaram meio assim desnordeando sem saber, o M. foi dormi na caminha e Mt. foi dormi comigo, i acho que uns 6 meses fiquemo dormindo no mesmo quarto, porque antes falavam assim que quando morria uma pessoa ficava barulho na casa, falavam que nem minha sogra perguntava se não tinha barulho aqui na casa, eu digo não tem nada e eles acham que ponhavam na cabeça, vamo dormi com a mãe, ficavam com medo, bastante coisa para uma criança uma pessoa não pode falar. “VIOLETA”

No caso de “Violeta”, ela praticava o dormir compartilhado, como sua mãe, com uma cama ao lado da dela, só que esse tema a fez lembrar de outra ocasião onde perdeu seu marido e, como seus filhos eram pequenos vieram dormir junto com ela, no mesmo quarto e cama, como forma de acalento e segurança, após morte do patriarca. O ato de dormir pode remeter-se a muitos momentos da vida e memórias afetivas, não somente nos primeiros meses de vida de seus filhos, mas a outras situações, como vivenciou “Violeta”.

Já, para “Margarida”, essa prática aconteceu, logo após o nascimento, compartilhando a mesma cama com seus filhos. “*Simm*. Dormiam junto é junto, depois N. com a D., a D. dormiu junto, depois já passou numa cama dae a N. na caminha. Mas assim nos dormia com eles abraçadinho não tinha.” “MARGARIDA”.

³³ Esse morceguinho a que “Girassol” se refere é a luz da vela ao lado da cama que era aceso para que pudesse somente se virar na cama e amamentar o seu filho, pois estava dormindo deapazinho, não precisava levantar e ir até outro quarto para isso. Mas uma vez a matriarca reforça que sua mãe tinha medo e não recomendava o dormir junto na mesma cama.

³⁴ A. marido falecido de “Violeta”.

“Margarida” responde que adotava o dormir compartilhado com muita convicção, enfatiza o seu sim, frisando que aquela era uma prática comum e que seus filhos continuam a realizar, mesmo após crescidos.

A gente dormia e não tinha outro lugar, dormia porque tinha que dormi né, mas a gente cuidava melhor eles se esquentavam melhor, porque se você deixasse sozinho. Olhe a C³⁵ se você deixar ela com 29 anos tenho que dormi com ela, porque ela não se esquentar, até se esquentar, então eu durmo eu saio da cama dali a pouco ela tá chamando: mãe, mãe, acostumou. “MARGARIDA”

O dormir compartilhado também acontecia com “Margarida” por não ter outro cômodo para acomodar seus filhos, mas descreve essa prática como facilitadora, porque, para ela, os bebês se esquentavam melhor, quando dormiam junto, e, ainda, hoje dorme, esporadicamente, com sua filha especial que tem 29 anos, para lhe esquentar. Essa modalidade de sono, ainda, acontece em sua família, com sua filha mais nova e, também, com seus netos.

Bom o último nasceu foi o J. F³⁶. e até hoje dorme junto com o pai, não tem solução, olha eu não sei mais o aconchego dos filhos dormi com as mães, a K³⁷. não larga a mãe por nada a C. não larga eu até hoje né, porque ela procura a gente, então ela sente uma segurança, ou medo de ficar sozinha cama ou quarto. “MARGARIDA”

Nesses relatos, fica nítido que o dormir compartilhado é a melhor maneira de se dormir com os filhos, uma vez que, fornece aconchego e segurança, além de “Margarida” elencar outros benefícios que essa prática pode oferecer.

Claro, porque tá quentinho eles tavam pertinho, e foi que não foi mãe mas a pessoa quando é mãe, você *escuta o folego da criança*, você escuta até o folego da criança não adianta a mãe que é mãe né, *um humm* pronto acordou, não tem, tudo mais fácil tando perto. “MARGARIDA”

Além de esquentar o bebê, para “Margarida”, dormir junto oferta segurança, pois você está próximo dele e, até sua respiração pode escutar. Qualquer “hummm” ou incômodo que o recém-nascido tenha, você escuta, dessa maneira, tudo isso é facilitando por estar dormindo junto.

A prática do dormir compartilhado de “Margarida” se estendeu na geração seguinte, sendo que seus netos dormem com os pais, na mesma cama. Segundo ela,

³⁵ C. filha mais nova de “Margarida”.

³⁶ J.F neto de “Margarida”, filho de A. seu terceiro filho.

³⁷ K. neta de “Margarida”, filha de D. sua filha mais velha.

não tem risco, quando você é mãe tem mais sensibilidade e consegue perceber até mesmo respiração do filho, e qualquer barulho ou movimento do recém-nascido já acorda, sendo mais fácil, quando dorme junto, perceber todos esses movimentos e cuidar.

“Rosa” outra filha de “Girassol”, também relata que realizou a prática do dormir compartilhado, compartilhando o mesmo quarto “[...] tinha o bercinho no mesmo quarto.” “ROSA”.

Assim como “Lírio”, que relata que há um vínculo maior, dormindo no mesmo quarto que o bebê. “Sim, você tá ali, chorou você tá ali, você consegue um vínculo na minha opinião maior.” “LÍRIO”. Esses foram mais sucintos ao relatarem sua prática, mesmo assim, observamos que praticavam o dormir compartilhado.

Já “Hortênciã” relatou como aconteceu a sua prática e também como sua filha, atualmente, vivencia essa experiência. “Não de bebê elas dormiam no mesmo quarto, mas elas tinham o berço, no berço delas, nunca dormiram junto na cama, sempre no berço. Tinha sempre do berço do lado da cama eu puxava e encostava né, ali do ladinho.” “HORTÊNCIã”

Hortênciã relata que realizou o dormir compartilhado, em camas separadas, por medo de dormir na mesma cama. Acredito que esse medo venha de “Girassol” que comentava que deveriam dormir no mesmo quarto com a cama deapazinho, mas não na mesma cama.

Já a filha de “Hortênciã” faz a mesma prática, mas dormindo na mesma cama:

Ah porque diz ela, ela tá ali do ali do ladinho, tá mais próxima dela tem mais cuidado, eu falo a eu morro de medo né, não mãe de jeito nenhum qualquer coisa eu to acordada, ela coloca assim uma certa distancia dela, mas junto na cama tanto que eu mudei essa camona aqui, porque quando ela posa aqui, eles dormem os 3 ali. “HORTÊNCIã”

Observamos assim que há uma reorganização na maneira de dormir e, ao contrário do que se pensa, a filha incentiva a mãe a realizar o dormir na mesma cama. A filha de “Hortênciã” tem dois filhos com um ano de diferença, ou seja, pratica o dormir compartilhado com os dois filhos. Essa também incentivou a mãe a dormir com seu filho mais velho, quando vão até a casa de “Hortênciã”, para dormir. “Ela faz, e o F³⁸. dae quando vem posam aqui dae ele dorme comigo, durmo junto

³⁸ F. neto mais velho de “Hortênciã”, primeiro filho de E.

com ele, e assim não tem aquele sono tranquilo né, qualquer coisinha que se mexe eu já to ali olhando sabe.” “HORTÊNCIA”

Após ser avó, “Hortência” vivenciou a prática de dormir compartilhado com seu neto, e, segundo ela, assim como suas irmãs, o sono fica mais leve e você percebe qualquer mínimo movimento do bebê. Ela relembrou como era a maneira de dormir, quando era criança, relata que dormiam todos no mesmo cômodo. “Quando nos era pequeno, nos dormia tudo junto naquelas camas assim, não tinha não, pois não existiam recurso né. Não tinha a cama cada um.” “HORTÊNCIA”

A família “Flores” pratica o dormir compartilhado de maneira variada e, para visualizarmos quais os aspectos que envolvem essa modalidade de sono, dividimos as seguintes categorias: dormir compartilhado como necessidade devido a poucos recursos econômicos; dormir compartilhado como facilitador do aleitamento materno; dormir compartilhado como facilitador do cuidado e obtenção de maior vínculo.

QUADRO 3. INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS DOS PARTICIPANTES COM RELAÇÃO AO DORMIR COMPARTILHADO.

<p>Dormir compartilhado como necessidade devido a poucos recursos econômicos.</p>	<p>“A gente dormia e não tinha outro lugar, dormia porque tinha que dormi né [...]” “MARGARIDA”</p> <p>“Quando nos era pequeno, nos dormia tudo junto naquelas camas assim, não tinha não, pois não existiam recurso né. Não tinha a cama cada um.” “HORTÊNCIA”</p>
<p>Dormir compartilhado como facilitador do aleitamento materno.</p>	<p>“[...] mas no mesmo quarto, só sentava para dar de mamar[...]” “GIRASSOL”</p>
<p>Dormir compartilhado como facilitador do cuidado e obtenção de maior vínculo.</p>	<p>“Tinha o bercinho, mas no mesmo quarto. Gostava, porque cuidava deles né [...]” “VIOLETA”</p> <p>“[...] mas a gente cuidava melhor eles se esquentavam melhor, porque se você deixasse sozinho [...]” “MARGARIDA”</p> <p>“[...] olha eu não sei mais o aconchego dos filhos dormi com as mães[...]” “MARGARIDA”</p> <p>“Sim, você tá ali, chorou você tá ali, você consegue um vínculo na minha opinião maior.” “LÍRIO”.</p> <p>“Ah porque diz ela, ela tá ali do ali do ladinho, tá mais próxima dela tem mais cuidado [...]” “HORTÊNCIA”</p>

Fonte: A autora com base nas entrevistas (2020).

Todos os filhos de “Girassol” praticaram o dormir compartilhado, seus netos ainda praticam, sendo essa modalidade de sono reformulada pelas gerações, ou seja, essa prática foi sendo ressignificada com o passar do tempo, não aconteceu de uma maneira exatamente igual, houve modificações.

Acredito que essas modificações se devem muito pela autonomia que, atualmente, as mães têm em optar por aquilo que acreditam ser o melhor para seus filhos. Hoje, as mães possuem mais recursos e fontes de informações que antigamente, mas, ainda, ouvem muito o que suas mães e avós dizem, vão construindo novos olhares e com isso conseguem demonstrar que algumas práticas podem ser aprimoradas, como é o caso do dormir compartilhado.

O dormir compartilhado favorece o aleitamento materno comparado àquelas mães que dormem separado dos seus filhos (CAIRES, VIEIRA, SERRA, 2019). Assim como pode ser visto como um fator de proteção da SMSL em alguns contextos (MCKENNA, MOSKO, RICHARD, 1997). Na família “Flores”, observamos que esse hábito acontece e foi relatado como facilitador do aleitamento materno, assim como é uma maneira de proteção e cuidado, pois a maioria dos familiares relata ter o sono mais leve, conseguindo perceber qualquer movimentação do bebê.

Como o dormir compartilhado favorece o aleitamento materno e, nas narrativas desses familiares observamos que ambos estão atrelados, discutimos as falas sobre essa temática, uma vez que a maioria das mulheres amamentou seus filhos e têm vivências distintas dessa experiência.

3.1 ALEITAMENTO MATERNO COMO PRÁTICA COMUM NA FAMÍLIA “FLORES”

O aleitamento materno trata também de uma prática corporal que envolve a díade mãe-bebê, assim como o dormir compartilhado sofre influências culturais e familiares, a amamentação é muito mais que um alimento fonte de nutrientes para o bebê e sua mãe, é uma fase que muitas mulheres vivenciam de maneira singular, para algumas é fácil amamentar, já para outras, não, como veremos, nas falas, abaixo. Todas as mães dessa família passaram pela experiência de amamentar, cada uma com relatos diferentes.

Geralmente eles mamavam até uma base de um ano e meio, quase 2 anos, mamavam bastante. Teve alguns que até largaram não procuravam mais e foram deixando, tive dois que acho que quando se lembrou-se de mamar

fazia uns 15 dias, enchia os peitos, porque eu tinha bastante leite né, era leiteira, mas a mãe dizia deixe quieto né, se vê que eles já tavam com 2 anos, 2 anos e pouco tinha que levar para brincar, cansar, dae dormia a noite inteira, não procurava dae ficava quieto. “GIRASSOL”

Para “Girassol”, o processo de aleitamento materno com seus filhos foi tranquilo, conseguiu amamentar quase todos por dois anos, e, seguindo o conselho de sua mãe, realizou o desmame de forma simples, deixando as crianças brincarem para esquecer o peito. Mais uma vez, em sua fala, aparece a influência de sua mãe, de modo positivo, para a criação de seus filhos. Assim como sua mãe fazia, “Girassol” também aconselha seus filhos sobre o aleitamento materno:

Sim a gente aconselhava a dar, só que alguns, não sei porque que de uns tempos para cá largam sozinho né. Essa “ROSA”, ade, esse pia mamar, mamou até apurado 4 meses, mas brigava, brigava ele chorava ele mordida, ela tinha bastante leite, não sei porque, não queria saber, os outros aquela de Curitiba a C. aquela também foi outra que largou com 5 meses, diz ela que deixe que chore pois umas horas vai ter que mamar, ade mamar ela tinha que esgotar. Primeiro mamavam que uma beleza, se duvidassem saiam agarrado. Antigamente os meus filhos, os outros não sei, não tava lá para ver a gente tem que contar do rabo da gente, meus filhos não sabia o que era dá chuquinha³⁹, o cházinho 2, 3 vezes era na colherzinha né, na boca né e vai direto no peito, minha mãe dizia não dé, e bico também não de bico criei só um o mais velho G. sabe que bico dos meus filhos até nenhum mesmo, nenhum e dos netos ta certo dizer que criou porque fui eu que criei ele, o G. que é filho do “LÍRIO” aqui, então até ele nossa até mais por mim do que pela mãe, até interessante que as vezes ele não pergunta a mãe como que tá, pergunta da nona. Então só que ele era pia benditinho aonde eu ia eu levava ele, foi Guarapuava levei ele, ele era meu companheiro, nós se dava muito e se damos até agora, foi dado bico pra ele porque peito dela inflamou, ele tinha tal bico, dae uma vez ele perdeu, deu baile para achar o bico, dae foi consumido, 1 ano e pouco ele tinha, ele chorava cade meu bico, vamo campia⁴⁰ nós campia, fomo acha lá em uma altura o bico dele. “GIRASSOL”

Nos relatos de “Girassol”, observamos que, para ela, foi fácil amamentar, que ofertava o peito até mais ou menos dois anos de cada filho, sem dificuldades. Relatou a vivência de uma de suas filhas e nora que passaram por dificuldades, e os bebês mamaram pouco tempo no peito, que não ofertava bico e nem mamadeira porque pode dificultar o aleitamento materno. Essa vivência de “Girassol” corrobora com estudos científicos que comprovam que, ofertar bicos ou mamadeiras aos recém-nascidos, pode ocasionar a confusão de bicos, prejudicando a amamentação e favorecendo o desmame precoce (FRANÇA, *et al*, 2008).

³⁹ Chuquinha como é chamado uma mamadeira pequena para oferta de chá e leite para recém-nascidos.

⁴⁰ Campiar: significa procurar, essa expressão é comum entre os camponeses.

“Girassol” também comenta que, quando as mulheres amamentam, é necessário que façam uma dieta “Lógico, eles mamavam mais, e mamavam leite a gente também se cuidava na comida né, esse negocio de fruta a gente comia fruta que era do pé da gente né, não tinha essas coisara de fruta comprada.” A matriarca valoriza mais uma vez a cultura do campo, lembrando que as frutas eram tudo do pé, natural, que não tinham frutas compradas, sendo assim a alimentação era saudável, e isso facilitaria a amamentação, uma vez que alimentadas, da maneira correta, as mães produziram mais leite. Mais uma vez essa vivência de “Girassol” corrobora com alguns estudos, porque muitas mulheres fazem dieta durante a amamentação. Em um estudo, realizado por Ferreira, *et al* (2010), constatou-se que, cerca de 98% das mães de seu estudo, planejava não comer alguns alimentos durante o período de amamentação.

A matriarca “Girassol” não teve dificuldades com o aleitamento materno, mas suas filhas enfrentaram. “Na amamentação não, por causa que eles mamaram pouco e a gente tinha leite de vaca né, já foi na mamadeira, já foram comendo.” “VIOLETA”. Para “Violeta”, a amamentação não foi fácil e teve que introduzir o leite de vaca, precocemente, no entanto, pela sua fala, isso não foi uma dificuldade, pois tinham leite de vaca em abundância.

Já “Margarida” realizou o desmame precoce, devido ao seu retorno ao trabalho:

D. eu aparte⁴¹ a N. mamou 3 meses, nem chegou mamar 3 meses porque eu fui para roça, dae eu chegava sogra já tinha dado mamadeira, dae não queria mais dae porque mais fácil e dae no leite de vaca, foi direto no leite de vaca dae já comendo sopa de feijão dae bolachinha e foi embora, a N. e a D. a sogra criou já o N. mesma situação porque dae [...] “MARGARIDA”

“Violeta” relata que seus filhos mamavam pouco, e foi introduzido o leite de vaca, que eles tinham em abundância. “Margarida” também fez introdução do leite de vaca, mas por outro motivo, devido à volta ao trabalho, seus filhos foram aleitados por pouco tempo, sendo introduzindo logo a mamadeira, gerando a confusão de bicos, como já argumentado.

Os filhos de “Margarida” foram criados por sua sogra e não por “Girassol” sua mãe, a introdução de mamadeira foi precoce, ocasionando no desmame, que, segundo “Girassol”, não deveria de ser ofertado a mamadeira para que a criança

⁴¹ Apartar: termo comumente utilizado por camponeses se refere a retirar o peito e introduzir a mamadeira.

mamasse por mais tempo, no peito. Sendo assim, as visões de outras pessoas, como as sogras, vão sendo introduzidas nessa família, reorganizando suas práticas, a partir das necessidades que eles tinham como a volta ao trabalho.

Já “Hortência” comenta que a primeira filha amamentou até três meses porque tinha que voltar ao trabalho, porém, a segunda, como não estava trabalhando mais, conseguiu amamentar até perto do dois anos, que é o recomendado pelo Ministério da Saúde.

[...] e dae eu amamentei ela dois meses e meio, ela não quis mais saber, ela se jogava para trás, não queria saber não mamava, a assim eu trabalhava na Fosforo voltei a trabalhar, deu os 3 meses de licença voltei, eu deixava ela com uma prima minha que também tinha uma menininha da mesma idade dela, dae eu deixava ela lá, dae eu trabalhei mais uns 3 meses, dae sai porque ela pegou bronquite, tirava ela 4 horas da manhã né, dae eu acabei saindo da fosforo mas assim na verdade foi eu e o O. que criemo ela. Dae depois eu tive um aborto, dae depois, da segunda filha também parto foi cesárea, mas já foi mais tranquilo, com muito cuidado dae, o medico mesmo já sabiam que era complicado né, mas dae foi mais sossegado o dela né, eu amamentei ela 2 anos. “HORTÊNCIA”

Como vimos, a amamentação é um processo singular para cada mulher assim como para cada filho que ela possa ter, uma maternidade é diferente da outra com práticas e dificuldades singulares.

No quadro 4, separamos as falas em três categorias, evidenciando a prática da amamentação: amamentação sem dificuldades; desmame precoce devido à volta ao trabalho; introdução de leite de vaca e mamadeira.

QUADRO 4. INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS DOS PARTICIPANTES COM RELAÇÃO AO ALEITAMENTO MATERNO.

Amamentação sem dificuldades.	“Geralmente eles mamavam até uma base de um ano e meio, quase 2 anos, mamavam bastante [...]” “GIRASSOL” “[...] mas dae foi mais sossegado o dela né, eu amamentei ela 2 anos.” “HORTÊNCIA”
Desmame precoce devido à volta ao trabalho.	“D. eu apartei a N. mamou 3 meses, nem chegou mamar 3 meses porque eu fui para roça [...]” “MARGARIDA” “[...] e dae eu amamentei ela dois meses e meio, ela não quis mais saber, ela se jogava para trás, não queria saber não mamava, a assim eu trabalhava na Fosforo voltei a trabalhar, deu os 3 meses de licença voltei [...]” “HORTÊNCIA”
Introdução de leite de vaca e mamadeira.	“Na amamentação não, por causa que eles mamaram pouco e a gente tinha leite de vaca né, já foi na mamadeira, já foram comendo.” “VIOLETA”

	<p>“[...] dae eu chegava sogra já tinha dado mamadeira, dae não queria mais dae porque mais fácil e dae no leite de vaca, foi direto no leite de vaca dae já comendo sopa de feijão dae bolachinha e foi embora[...]” “MARGARIDA”</p>
--	--

Fonte: A autora com base nas entrevistas (2020).

Como descrevemos, na categoria anterior, quanto ao dormir compartilhado, esse modo de dormir facilita o aleitamento materno, porém tem outros fatores que influenciam na amamentação e favorecem o desmame precoce, como a volta ao trabalho e relato de pouco leite.

Muitos dos conhecimentos que “Girassol” relata sobre o aleitamento, dieta, introdução de mamadeira, corroboram com estudos científicos, sendo assim o conhecimento tradicional e o científico se complementam e estão, intimamente, ligados. O dormir compartilhado, assim como o aleitamento materno, são práticas que estão intimamente relacionadas ao enredo da família “Flores”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do nosso objetivo, conseguimos compreender como o dormir compartilhado acontece nessa família, selecionada para o estudo. Percebemos que não se trata de uma simples prática, envolve muito mais que somente dormir. Na família “Flores”, essa modalidade de sono fortaleceu a aproximação entre mãe e filho, valorização da convivência entre a família e as suas experiências.

O dormir compartilhado foi realizado por diferentes motivos e em diferentes contextos. “Girassol” apresentou a falta de cômodos em sua casa, como o motivo para ter iniciado o dormir compartilhado. No entanto, “Girassol” relatou que o dormir compartilhado continuou acontecendo, após as mudanças na casa, pois se trata de uma prática que envolve cuidado, aconchego, proteção, união familiar e facilidade no aleitamento materno. Assim, o dormir compartilhado simboliza o dormir muito além de uma prática, mas um costume imbricado, nessa família, e transfigurado ao longo dos anos, e ainda acontece atualmente.

Fica clara, também, a importância do saber popular, construído e valorizado pela família “Flores”. Entre as gerações dessa família, a prática do dormir acontece de maneira variada e, muitas vezes, há uma reorganização dela, na qual os filhos orientam os pais, em que explicam que essa modalidade de sono não oferece riscos, mas sim benefícios. Desta forma, percebemos a troca de experiências entre os membros da família, aprimorando as práticas de dormir, ou seja, elas não são simplesmente transmitidas, mas ressignificadas entre as gerações.

Sendo assim, as narrativas nos fazem refletir que a cultura e heranças familiares são um modo de fazer/viver que devem ser respeitados. O dormir compartilhado é uma prática comum dessa família, assim como outras práticas que são vivenciadas e transformadas ao longo dos anos.

O dormir compartilhado está presente na família “Flores”, assim como em muitas outras famílias. Consideramos que, por ocorrer há séculos e por ser construída por questões sociais, culturais, além das biológicas, o dormir compartilhado deve ser entendido como uma prática importante que está presente em nossa sociedade e acontece de maneira variada em diferentes famílias, tendo um significado singular para cada uma delas.

Dessa maneira, observamos que o saber tradicional pode contribuir com a constituição do saber científico, sendo que o dormir compartilhado deve ser

compreendido através de múltiplos olhares. Devido à escassez de estudos qualitativos sobre essa temática, sugerimos que novos estudos sejam realizados, para que os profissionais da área da saúde tenham maior respaldo em suas orientações, uma vez que o dormir compartilhado é uma prática comum que deve ser respeitada e acolhida. As escolhas familiares devem ser respeitadas, porém a segurança da criança e da família deve ser considerada, devendo ser ofertadas orientações seguras para que essa prática aconteça sem riscos.

Para mim, essa vivência com a família “Flores” e todas as leituras e estudos, fizeram-me compreender que o dormir compartilhado é muito mais que uma prática, é um costume, presente em muitas famílias, não somente aqueles que residem no campo. Para cada uma delas, pode acontecer por um motivo e está relacionada ao vínculo maior entre mãe seu bebê e seus familiares, essa modalidade de sono perpassa por muitos caminhos.

Como profissional da saúde, compreendi, ainda mais, que os conhecimentos teóricos são fundamentais, mas que a escuta é o que vai diferenciar o meu trabalho, pois cada mãe tem sua história, e eu, como profissional não devo impor regras, mas ofertar sugestões, a partir dos relatos, respeitando, principalmente, suas crenças e costumes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J.A.G. **Amamentação: um híbrido natureza-cultura**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

ALMEIDA, R.A. O sentido da terra camponesa: práticas de distinção. In: III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, IV SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA “JORNADA ORLANDO VALVERDE”, 2007, Londrina. **Anais...** Londrina, Pr, UEL, 2007.

AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS. SIDS and Other Sleep-Related Infant Deaths: Updated 2016 Recommendations for a Safe Infant Sleeping Environment. **Pediatrics**, v.138, n. 5, Nov. 2016.

ARIES, P. **História social da criança e da família**. Tradução de: KUKSMAO, D.2.ed. Rio da Janeiro: Guanabara, 1986. Título original: L Enfaní et la Vie familiale sous l *Âncien Régime.

AUGÉ, M. **Os domínios do parentesco**. Lisboa: Edições 70, 2003.

BALL, H.L; HOWEL.D; BRYANT.A; BEST.E; RUSSELL.C; WARD-PLATT.M. Bed-sharing by breastfeeding mothers: whobed-sharesandwhatistherelationshipwithbreastfeedingduration?. **Acta Pædiatrica**. 2016.

BALL, H.L; The Atlantic Divide: Contrasting U.K. and U.S. Recommendation son Cosleeping and Bed-Sharing. **JournalofHumanLactation**, v.1, n. 5, 2017.

BARTICK, M; TOMORI, C; BALL, H.L. Babies in boxes and the missing links on safe sleep: Human evolutionand cultural revolution. **MaternChild Nutr**. 2017.

BAUMANN, Z. **Comunidade**. A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BIROLI, F. **Família: Novos Conceitos**. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2014.

BLAIR, P; et al. Bed-Sharing in the Absence of Hazardous Circumstances: Is there a risk of Sudden Infant Death Syndrome? An Analysis from Two Case-Control Studies Conducted in the UK. **Plos one**, v.9, n.9, 2014.

BLAIR, P. S. Putting co-sleeping into perspective. **Jornal de Pediatria**, [s.l.], v. 84, n. 2, p.99-101, 27 mar. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00217557200800020001> Acesso em: 15 nov. 2019.

CAIRES, L.S. VIEIRA, G.O; SERRA, J.R.S. O compartilhamento de cama entre mãe e filho e o seu impacto na continuidade do aleitamento materno. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. Anais... UEFS, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/ojs/index.php/semic/article/view/3863/3084>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

CAMACHO, Rodrigo Simão. Algumas considerações acerca do modo de vida camponês. X Fórum Ambiental da Alta Paulista, v. 10, n. 10, 2014. 16p. Disponível em: <http://amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/forum_ambiental/article/viewFile/771/pdf>. Acesso em: 04 jul. 2020.

CARRASCOZA, K.C.; COSTA JUNIOR, A.L.; AMBROSANO, G.M.B; MORAES, A.B.A. Prolongamento da amamentação após o primeiro ano de vida: argumentos das mães. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 3, p. 271-7, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722005000300003&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 out. 2019.

CARRERA-GARCÍA, S; NAVARRO-GARZA, H; PÉREZ-OLVERA, M. A; MATA-GARCÍA, B. Calendario agrícola Mazateco, milpa y estrategia alimentaria campesina en territorio de Huautepec, Oaxaca. **Agricultura, Sociedad y Desarrollo**, Montecillo, Vol. 9, N. 4, p. 455-475, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S187054722012000400006>. Acesso em: 01 jul. 2020.

CARVALHO, T.A.O.P; LOPES, R.G.C. A família brasileira numa perspectiva histórica, baseado nos estudos de Engels. **Revista Portal de Divulgação**, n.48, Ano VI, 2016. Disponível em: <<https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/issue/view/53/showToc>>. Acesso em: 07 out. 2019.

CASAGRANDE, J.L. **MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO Mulheres Agricultoras em Santa Catarina**. 1991, 94p. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política), UFSC, Florianópolis, 1991.

COSTA, J.F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

CUNHA, M.C. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Revista USP**, São Paulo, n.75, p. 76-84,2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13623>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

CUNHA, M.C. Questões suscitadas pelo conhecimento tradicional. **Revista de Antropologia**, v. 55, n. 1, p. 439-464, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/46971>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

DAINESE, G; CARNEIRO, A; MENASCHE, R. Campesinato, gênero, pesquisa de campo: Ellen F. Woortmann com a palavra. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n. 2, p. 10-26, 2018.

DELGADO, L.A.N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral**, n.6, p. 9-25, 2003.

FERREIRA, L.O. Uma Interpretação Higienista do Brasil: Medicina e Pensamento Social no Império. In: 23º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 1999. Caxambu/MG. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/23-encontro-anual-da-anpocs/qt-21/qt10-15/4948-lferreira-uma-interpretacao/file>>. Acesso em: 23 jan. 2020.

FERREIRA, R; NEVES, R; VIRELLA, D; FERREIRA, G.C. Amamentação e dieta materna. Influência de mitos e preconceitos. **Acta Pediatr Port**, v.41, n.3, p.105-10, 2010. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/71735819.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

FRANÇA, M.C.T; *et al.* Uso de mamadeira no primeiro mês de vida: determinantes e influência na técnica de amamentação. **Rev Saúde Pública**, v.42, n.4, p.607-14, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003489102008005000028&script=sci_artt_ext>. Acesso em: 15 jun. 2019.

FREIRE, M. M. “Ser mãe é uma ciência”: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, supl., jun., p. 153-171, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010459702008000500008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 05 dez. 2019.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEIB, L.T.C. Moduladores dos hábitos de sono na infância. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.60, n.5, p.564-8, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672007000500015>. Acesso em: 10 jun. 2019.

GEIB, L.T.C; NUNES, M.L. Hábitos de sono relacionados a síndrome da morte súbita do lactente: estudo populacional. **Cad. Saúde Pública**, v.22, n.2, p. 415-423, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102311X2006000200019&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 09 jun. 2019.

GIRALDO, O. F. Ecología política de la agricultura: agroecología y posdesarrollo. Chiapas: **Ecosur**, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IBFAN. Atualidades em amamentação. n. 53, 2014. Disponível em: <http://www.ibfan.org.br/site/wpcontent/uploads/2015/02/140929_atualidades_ed_53_2014-3.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1 de julho de 2020. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/irati/panorama>>. Acesso em: 14 set. 2020.

IRATI, 70 anos. **Irati**: Martins, 0000. 116p.

ISSLER, R.M.S; et al. Coleito no primeiro semestre de vida: prevalência e fatores associados. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102311X2010000500016&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 jun. 2019.

LANDOWSKY, T.F; PANKIW, P.M; KLOSSOWSKI, D.G; COSTA, C.C; FUJINAGA, C.I. Aleitamento materno e o dormir compartilhado: visão dos profissionais da saúde. **Rev. Interd. Ciên. Saúde**, v. 2, n.1, p. 74-86, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/rics/article/view/5086>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

LÉVI-STRAUSS, C. A família. In: _____ **O olhar distanciado**. São Paulo: Edições 70, 1986.

LISBOA, A.V; FÉRES-CARNEIRO, T; JABLONSKI, B. Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 51-59, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pe/v12n1/v12n1a06.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

MALUF, A.C.R.F.D. **Novas modalidades de família na pós-modernidade**. Tese (Doutorado em Direito Civil)-Faculdade de direito, USP, São Paulo, 2010.

MARQUES, E.S; COTTA, R.M.M; PRIORE, S.E. Mitos e crenças sobre o aleitamento materno. **Ciência & Saúde Coletiva**, n.16, v.5, p.2461-2468, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232011000500015&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 10 jun. 2019.

MARTINS, Ana Paula Vosne. “Vamos criar seu filho”: os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.135-154, jan.-mar. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s010459702008000100008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 21 ago. 2019.

MCKENNA, J.J; MOSKO, S.S; RICHARD, C.A. Bedsharing Promotes Breastfeeding. **Pediatrics**, 100, p.214-9, 1997.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MINAYO, C.M.S. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Secretaria De Gestão Estratégica e Participativa Departamento de Apoio á Gestão Participativa. Tecendo a saúde das mulheres do campo, das florestas e das águas: direitos e participação social, Brasília – DF, 2015. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/tecendo_saude_mulheres_campo_floresta.pdf>. Acesso em: 10 maio 2019.

MONSON, M. R. R. et al. **Revisão e Avaliação das Ações Nacionais para Implementação do Código Internacional de Comercialização dos Substitutos do Leite Materno**. Brasília: Gráfica Modelo, 1991.

MOON, R.Y. Sudden Infant Death Syndrome: An Update. **Pediatrics in Review**, v. 33, n.7, p. 314-320, 2012.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**. Repensar a reforma. Reformar o pensamento. Brasil: Bertrand Brazil, 2003.

MUYLAERT, C. J. et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 48, n.2, p. 184-189, Dec. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342014000800184&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 01 maio 2020.

NUNES, L. S.; PAULA, L.; BERTOLASSI, T.; NETO, A. F. A análise da narrativa como instrumento para pesquisas qualitativas. **Revista Ciências Exatas**, v. 23, n. 1, p. 9. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/exatas/article/view/2547>>. Acesso em: 01 maio 2020.

ORREDA, J.M. **Irati**. Irati:Edipar, 1974.

PAULO, B.M. **Novas configurações familiares e seus vínculos sócio-afetivos**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, 2006.

PERRETTI, C.G. os significados socioculturais da prática do co-leito. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, Itapetininga, v. 4, n. 2, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/IC/article/view/418/0>>. Acesso em: 22 maio 2020.

PERUZZO, C.M.K.; VOLPATO, M.O. Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. **Libero (FACASPER)**, v. 12, p. 139-152, 2009. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Conceitos-de-comunidade-local-regi%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

PRADO, D. **O que é família**. São Paulo: Abril Cultural, 1985, 92p.

RIBEIRO, Marlene. **Educação rural**. In: CARDART, R.S; *et al.* Verbetes do Dicionário da Educação do Campo. EPSJV/Expressão Popular, 2012.

_____. Política educacional para populações camponesas: da aparência à essência. **Revista Brasileira de Educação**. v.18, n. 54. jul –set 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782013000300009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 out. 2019.

SALVARO, G. I. J., LAGO, M. C. S., WOLFF, C. S. “Mulheres agricultoras” e “mulheres camponesas”: lutas de gênero, identidades políticas e subjetividades. **Psicologia & Sociedade**, vol. 25, n.1, 79-89, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822013000100010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 set. 2019.

SANTANA, G. C. P. As diferentes formas de reprodução do campesinato no município de Itabaiana, SE. In: 3º SEMINÁRIO REGIONAL NORTE E NORDESTE DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 2012, João Pessoa. 3º SERNNE, 2012.

SANTIAGO, María Virginia González. Agroecología: saberes campesinos y agricultura como forma de vida. **Chapingo**, Mexico: Universidad Autónoma Chapingo, 2008. Disponível em: <<https://www.worldcat.org/title/agroecologia-saberes-campesinos-y-agricultura-como-forma-de-vida/oclc/319536552>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

SANTOS, B.S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estud. av.**, v. 2, n. 2, p. 46-71, 1988. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141988000200007>. Acesso em: 02 fev. 2019.

SANTOS, I.S.; MOTA, D.M.; MATIJASEVICH, A. Epidemiology of co-sleeping and nighttime waking at 12 months in a birth cohort. **Jornal de Pediatria**, v.84, n.2, p.114-22, 2008.

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 5, nº. 8, p. 47-60, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/icse/v5n8/04.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

SHANIN, T. A definição de camponês: conceituações e desconceituações, o velho e o novo em uma discussão marxista. **Revista Nera**, ano 8, n.7, 2005. Disponível em:

<https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1456>> Acesso em: 20 maio 2019.

SIGOLO, R.P. Duas medicinas em um espaço de ensino: memórias sobre acupuntura em Florianópolis. **MirabiliaMedicinae**. n.6, p. 49-68, 2016. Disponível em: <https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/medicinae/pdfs/mirabilia_med_2016-01-05.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2020.

SILVA, H. R. “Rememoração”/comemoração: as utilidades sociais da memória. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 22, n. 44, p. 425-437, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882002000200008&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 10 nov. 2019.

SOUZA, M.M.O. A educação popular no campo: entre o saber camponês e o conhecimento científico. **Rev. Ed. Popular**, v.8, p. 64-75, 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/20161>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

TEDESCO, J.C. **Terra, salário e família: Ethos e racionalidade produtiva no cotidiano camponês**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 1998.

TEIXEIRA, M.A; NITSCHKE, R.G; DE GASPERI, P; SIEDLER, M.J. Significados De Avós Sobre A Prática Do Aleitamento Materno No Cotidiano Familiar: A Cultura Do Querer-Poder Amamentar. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.15, n.1, p. 98-106, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010407072006000100012&script=sci_arttext>. Acesso em: 05 dez. 2019.

THE BRITISH MEDICAL JOURNAL. The Arcuccio. Italy, 1895. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2508215/pdf/brmedj08781-0040.pdf>> . Acesso em: 25 fev. 2019.

TOMAZ, R. Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. **Galaxia**(São Paulo, *Online*), n. 29, p. 155-166, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/gal/n29/1982-2553-gal-29-0155.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

TRAD, L. A. B (org). **Família Contemporânea e Saúde: Significados, práticas e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

UNICEF; FSID. **Partilhar a cama com o seu bebê**: Um guia para mães que amamentam. 2005. Disponível em: <http://www.unicef.org.uk/Documents/Baby_Friendly/Leaflets/Other%20languages/sharingbedleaflet_portuguese.pdf?epslanguage=en>. Acesso em: 27 fev. 2019.

WANDERLEY, M.N. O Camponato Brasileiro: uma história de resistência. **RESR**, Piracicaba-SP, v.52, n.1, p. S025-S044, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01032003201400060002>. Acesso em: 12 nov. 2019.

WOORTMANN, K. “Com parente não se negueia” O camponato como ordem moral. **Anuário Antropológico/87**, Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6389>>. Acesso em: 09 set. 2019.

ZANLORENZI, C.M.P. Reconstrução histórica do primeiro grupo escolar de Irati-Paraná – PR. **Revista HISTEDBR**, Campinas, número especial, p. 49-63, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640107>>. Acesso em: 14 set. 2020.

ZAKRZEWSKI, G. A paisagem urbana de Irati-PR: uma análise a partir da imigração polonesa. Dissertação (mestrado)- Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Dinâmica da Paisagem e dos Espaços Rurais e Urbanos, Guarapuava, 2015.

6. APÊNDICE A

ROTEIRO

Quais atividades de subsistência dos familiares?

Quem reside e residia na casa?

Quando se casou?

Nascimento dos filhos, como foi? Parto em casa? Após parto, como foi a rotina?

Onde dormiam? Porque? Como acontecia a prática de dormir? Igual com todos os filhos? Ainda acontece? Algo ou alguém interferiu nessa prática?

Quais eram os conselhos ofertados sobre a criação dos filhos?

Se foram amamentados? Como foi? Até quando?

Se mãe trabalhou durante a gestação e logo após o parto?

Qual escolaridade dos familiares? Como foi processo de aprendizagem? Como iam à escola?

Religiosidade? Crenças?

Tinham assistência médica/profissional na criação dos filhos?

Existiram conflitos com médicos em relação à essa prática?

Quando os filhos deixaram a casa dos pais? Como é a criação dos netos?

Quais as atividades de lazer nas horas livres? Onde aconteciam? Como? Ainda acontecem do mesmo jeito?

Quem os auxiliava nas dificuldades que tinha com bebê/criança e, atualmente, quem auxilia?

Os familiares têm costume de se reunirem? Falar dessa prática?

Onde os familiares residem atualmente: na zona rural ou urbana?

A prática do dormir compartilhado ainda existe entre os familiares?

6.1 APÊNDICE B

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – COMEP**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) Colaborador(a),

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa Dormir compartilhado e aleitamento materno: práticas e saberes intergeracionais, sob a responsabilidade de Paula Maria Pankiw, que irá investigar como a prática do dormir compartilhado acontece em uma família, contribuindo para reflexão das equipes de saúde, assim como da população em geral sobre as práticas e saberes familiares.

O presente projeto de pesquisa foi aprovado pelo COMEP/UNICENTRO.

DADOS DO PARECER DE APROVAÇÃO

emitido Pelo Comitê de Ética em Pesquisa, COMEP-UNICENTRO

Número do parecer: 3.243.567

Data da relatoria: 04/04/2019

1. PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA: Ao participar desta pesquisa você será convidado a falar sobre suas vivências sobre o dormir compartilhado e aleitamento materno. Lembramos que a sua participação é voluntária, você tem a liberdade de não querer participar, e pode desistir, em qualquer momento, mesmo após ter iniciado o(a) os(as) os relatos orais sem nenhum prejuízo para você.

2. RISCOS E DESCONFORTOS: O(s) procedimento(s) utilizado(s) história oral poderá(ão) trazer algum desconforto como constrangimento ao relatarem sobre suas vivências. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo de constrangimento que será reduzido pela(o) aviso prévio da conversa. Se você precisar de algum tratamento, orientação, encaminhamento etc, por se sentir prejudicado por causa da pesquisa, ou sofrer algum dano decorrente da mesma, o pesquisador se responsabiliza por prestar assistência integral, imediata e gratuita.

3. BENEFÍCIOS: Os benefícios esperados com o estudo são no sentido de possibilitar que a família relate suas vivências e práticas do dormir compartilhado.

4. CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações que o(a) Sr.(a) nos fornecer ou que sejam conseguidas por relatos orais, fotografias serão utilizadas somente para esta pesquisa. Seus (Suas histórias orais, transcrições e imagens ficarão em segredo e o seu nome não aparecerá em lugar nenhum dos(as) transcrições ou imagens nem quando os resultados forem apresentados.

5. ESCLARECIMENTOS: Se tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar a qualquer momento o pesquisador responsável.

Nome do pesquisador responsável: Paula Maria Pankiw

Endereço : PR 153, Km 7, Sala 313 / Riozinho – Irati – PR

Telefone para contato: 42: 9 99382259

Horário de atendimento: das 08horas às 17horas horas.

6. RESSARCIMENTO DAS DESPESAS: Caso o(a) Sr.(a) aceite participar da pesquisa, não receberá nenhuma compensação financeira.

7. CONCORDÂNCIA NA PARTICIPAÇÃO: Se o(a) Sr.(a) estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, em **duas vias**, sendo que uma via ficará com você.

=====

=====

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr.(a) _____, portador(a) da cédula de identidade _____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma

seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Irati, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante / Ou Representante legal

Assinatura do Pesquisador